

Jill Mansell

Resistir ao Amor

Tradução de Susana Serrão

A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido



Para a minha mãe



Capítulo 1

Se ela desse um grande salto no ar, Maddy Harvey poderia ver a festa que decorria sem ela, alegremente desconhecedora da sua presença. Bem, poderia ver de uma maneira algo desfocada e abstrata – as luzes da casa, as árvores que a rodeavam e as silhuetas dos outros convidados a andarem de sala em sala, ou a dançarem loucamente ao ritmo de Kylie Minogue (uma artista que dava realmente para todos os grupos etários).

Aposto que isto nunca acontece à Kylie.

Era uma lei irrefutável da natureza, o facto de, por vezes, ir a uma festa, tudo correr bem e divertir-se à grande. O outro lado da moeda, escusado será dizer, era que, por vezes, não. Tudo o que poderia correr mal, corria.

Como naquela noite.

Maddy suspirou e ponderou a sua situação. Culpava a *Bean* por se ter atirado às pernas dela mesmo no momento em que ela estava preparada para colocar a lente de contacto no olho esquerdo. A cadelinha apanhara-a de surpresa, a lente voara-lhe da ponta do dedo e, à boa maneira das lentes de contacto, desaparecera de imediato. Podia ter caído no lavatório e ido pelo ralo abaixo. Podia ter caído, literalmente, em qualquer sítio da casa de banho. *Bean* podia tê-la pisado, podia tê-la comido. Um pedacinho de plástico transparente simplesmente desvanecera-se no ar, e não era a primeira vez.

Dado que usar apenas uma lente não servia de nada, vira-se obrigada a pôr os óculos, mas apenas para poder conduzir os poucos quilómetros de Ashcombe até Bath. Não para usar na festa propriamente dita. Oh, não, pelas alminhas, ela era demasiado vaidosa para usar mesmo os óculos numa festa, e por isso é que estavam guardados no porta-luvas do carro.

Por conseguinte, aquele fora o primeiro erro. O segundo erro dera-se quando, desesperada por fazer chichi e confrontada com uma fila enorme para a casa de banho, saíra para o exterior em busca de um sítio discreto e arejado. Ora, visto não haver sítio discreto algum no jardim das traseiras, ela subira metro e meio de muro para ir ao do vizinho, onde uma cerejeira frondosa prometia privacidade absoluta.

Se não fosse demasiado vaidosa para usar óculos, teria reparado no prego que saía do muro, e que encorajara uma clematite a enrolar-se nele, e não teria rasgado as calças de maneira tão desastrosa.

O terceiro erro fora subir a um muro de metro e meio com a ajuda de um tronco de árvore cortado, sem parar para pensar se a queda seria maior do outro lado, e se teria outro tronco de árvore convenientemente posicionado para a ajudar a voltar.

E nem sequer estou bêbeda, pensou Maddy, exasperada. Por aquele andar, bem podia ficar ali presa o resto da noite.

Nunca o ruído de uma porta a abrir-se fora mais bem-vindo. Apercebendo-se de que aquela podia ser a sua grande – pronto, *única* – oportunidade, Maddy começou aos saltinhos, a agitar os braços no ar para chamar a atenção. Ao ver uma silhueta e sentindo-se completamente idiota, chamou:

— Hum, está aí alguém? Desculpe?

Mesmo assim, ele parecia alto. E ser alto era bom, ser alto era decididamente do que ela precisava naquele momento. À falta disso, um anão de circo com um escadote.

Em segundos, ele atravessara o relvado e espreitava por cima do muro.

— Vem assaltar a casa?

Naquele negrume, Maddy não conseguia ver que aspeto teria ele, mas a voz era bonita. E ela não estava em posição de ser esquisita.

— Se viesse assaltar a casa, teria trazido um saco — disse ela. — E uma camisola às riscas e uma máscara.

— Desculpa. Claro que trarias. — Ele parecia estar a divertir-se. — Portanto... estás perdida?

— Estou presa. Saltei o muro — explicou Maddy — e agora não consigo voltar. Não há outra saída deste jardim, tirando pela casa, e as luzes estão todas apagadas, pelo que quem lá mora deve estar a dormir ou fora. Se estiverem a dormir, não quero acordar ninguém.

— Se calhar também não queres ter de explicar o que estás a fazer no jardim deles — observou o homem em que ela estava a confiar para a salvar.

— Se não for indiscrição, o que é que estavas a fazer no jardim deles?

Agora é que eram elas.

— Um cavalheiro não perguntaria.

— Então pede-lhe ajuda para saltares o muro — disse ele com ligeireza, e começou a afastar-se dali.

Maddy soltou um guincho de frustração mudo, e bufou:

— Oh, por favor, não me deixes, *volta cá*.

Desta vez, ouviu-o rir-se. Ele voltou e fez-lhe sinal que se afastasse do muro e, a seguir, saltou-o sem esforço algum.

Agora ele estava perto dela, apesar da escuridão e da miopia dela, e

Maddy conseguiu perceber que ele não era nenhum mostrengo. Cabelo preto, olhos pretos, maçãs do rosto altas e um clarão de dentes brancos quando sorria. Ela estava prestes a ser salva – oxalá – por um homem todo jeitoso. Desfocado, mas giro.

— Pronto, anda pôr-te aqui à minha frente. — Ele fez-lhe sinal. — Não, de frente para o muro, para eu te levantar.

— Hum... rasguei as calças quando saltei. Ficaram presas num prego. — Maddy levou a mão ao buraco que tinha na parte de trás das calças, num gesto protetor; se ele a levantasse, iria vê-lo – e as cuecas cor de laranja fluorescente – bem de perto.

A sorrir, ele disse:

— Não te aflijas que eu fecho os olhos.

Ele era impressionante, lá isso tinha de admitir. Num minuto ela estava com os pés no chão, no outro ele pôs-lhe as mãos na cintura e ela deu consigo a ser içada pelos ares. Parecia patinagem artística. Com os braços esticados, Maddy agarrou-se ao cimo do muro, levantou um joelho e aterrou nele. Sem grande elegância, arrastou a outra perna, chegou-se à beira e caiu do outro lado.

Ai que alívio.

De uma maneira impressionante, o seu salvador içou-se também, e os seus pés aterraram com um baque surdo na relva do outro lado.

— Acabei de ser salva pelo Super-homem — disse Maddy. — Obrigada.

— Por nada. — Ele parecia estar mesmo a divertir-se. — Belas calças, a propósito.

— Esta noite não me tem corrido bem. — Maddy virou-se e examinou com ar pesaroso o rasgão das suas calças brancas. — Tenho de ir para casa agora. Credo, estão completamente estragadas.

— Não te podes ir embora. Acabei de te salvar. Anda lá, está ali um banquinho. Podemos ficar lá sentados um bocadinho.

Sentaram-se no banco de jardim. Ele tinha vestida uma camisa de tom cinzento-pálido com as mangas arregaçadas, e calças pretas que se fundiam na escuridão. Ela respirou fundo e sentiu o cheiro a sabonete e um toque leve de *aftershave*, possivelmente da Hugo Boss. Talvez a noite não se saldasse num desastre, afinal. Mais animada, Maddy perguntou:

— Então, Super-homem, o que te trouxe cá fora ao jardim?

— Estou a ver se fico fora do caminho de um marido ciumento.

— A sério? Se ele é ciumento, porque é que casaste com ele?

Ele sorriu. — A mulher não me larga. Não a encorajei, mas acho que ela já está bêbeda. O marido estava a ficar irritado e eu fugi para a cozinha. Nisto, estava eu a olhar pela janela, vi uma cabeça loura aos saltos como

uma bola de pingue-pongue, por cima do muro na ponta do jardim. Achei por bem vir ver o que se passava.

— Ainda bem que vieste. — Maddy estremeceu quando o ar fresco da noite atravessou o top fino cor de púrpura que ela tinha vestido.

— Eu não teria dormido nada bem aqui. — Ocorreu-lhe que, tanto quanto sabia, não reparara que o seu salvador estivesse na festa. — Estás cá há muito?

— Cá na festa? Vinte minutos. Ou referes-te a cá em Bath? — Os olhos dele brilhavam. — Nesse caso, fui criado por estas bandas, e mudei-me há uns anos. Voltei há uns meses, e tenho uma empresa de Relações Públicas. Callaghan and Fox.

— A sério? Eu conheço! — Radiante, Maddy disse: — Fica no último andar de Claremont House. Eu levo sandes aos contabilistas do primeiro andar.

Ele inclinou a cabeça para um lado.

— Sandes. Boas?

— Desculpa? Completamente maravilhosas. Fazemos pãezinhos, argolas, baguetes, arroz, massa e saladas, bolos caseiros, tudo de que te possas lembrar. — Vendo uma oportunidade, Maddy disse inocentemente: — E fazemos um serviço muito animado. Toda a gente diz que somos os melhores.

— E sabem do que falam? E vocês são de confiança?

— Se não fôssemos, não teríamos toda a gente a dizer que somos os melhores. Quem é que faz as tuas? — Perguntou Maddy, embora já soubesse.

— A Blunkett's, aquela da Armitage Street. — O salvador fez uma careta. — Não são más, mas por vezes já lá chegam tarde e já está tudo muito escolhido.

— Deve ser aborrecido. Nós fazemos por encomenda. Uma das nossas clientes está grávida e levamos-lhe baguetes de frango e banana com cebolinhas e Marmite.¹ Tenho tanta pena do bebé. — Maddy estremeceu quando sentiu outra brisa fresca; podia ser junho, mas aquilo era Inglaterra e quem tivesse uma réstia de bom senso estaria dentro de portas.

— Tens frio — observou ele. — Dar-te-ia o meu casaco se o tivesse trazido. Olha, toma lá. — Tirou a carteira do bolso de trás e sacou de um cartão-de-visita.

— Isso não me vai resguardar do frio.

— Vai lá falar connosco na segunda de manhã. Talvez seja altura de mudar.

¹ Pasta de levedura de cerveja muito popular entre vegetarianos. (N. da T.)

Iupi, triunfo! Maddy meteu o cartão no bolso, encantada com a volta que a noite dera. Um homem simpático e uma possível entrada na sua clientela.

— Excelente. — Maddy pôs-se de pé, e sentiu a corrente de ar quando o rasgão em forma de L que tinha nas calças se abriu.

— Por volta das onze, está bem assim? Estarás lá a essa hora?

— Estarei lá. Dirige-te à receção e pergunta...

— Já sei. — Maddy deu palmadinhas no bolso onde pusera o cartão dele, e sorriu. — Pergunto pelo Super-homem.

Kate ia para casa. Regressava a Inglaterra, regressava a Ashcombe. Não porque quisesse, mas porque não tinha alternativa. Nova Iorque já não era terra para ela. Aos hotéis luxuosos de Park Avenue não interessava contratar uma rececionista com o rosto marcado; a aparência dela não combinava com o ambiente. Em suma, ela acabava com qualquer entusiasmo. Poderia ter considerado fazer um grande barulho e ameaçar processá-los, mas não conseguira obrigar-se a isso. Fosse como fosse, estava farta de que a tratassem como uma anormal. De cada vez que se aventurava a sair, havia mais um milhão de nova-iorquinos prontos a apontar o dedo e a mirá-la embasbacados. Ao fim de algum tempo, era coisa para deprimir qualquer uma.

Kate afastou-se da janela do apartamento na East Village e vislumbrou o seu reflexo no espelho oval na parede oposta. Mesmo agora, quase um ano depois, um vislumbre inesperado de si mesma – *não posso ser eu! Oh, Deus, sou mesmo eu* – ainda tinha a capacidade de a chocar.

Não havia como fugir, ela agora era oficialmente feia. Oh, toda a gente em Ashcombe iria rir à gargalhada quando a visse. Talvez não se rissem na cara, mas nas costas dela, sim. Não tinha ilusões nenhuma quanto a isso. Não era nada agradável de admitir, mas se havia alguém que merecesse castigo, era ela.

— As malas, está a correr bem? — Mimi, que dividia o apartamento consigo mas mal dava por ela, meteu a cabeça pela porta do quarto. Sinceramente, Mimi passava tão pouco tempo em casa que era um portento Kate reconhecê-la de todo.

— Devagarinho. — Kate pegou numas calças de ganga cor-de-rosa da Calvin Klein e dobrou-as, com pouca vontade, numa das malas abertas em cima da cama.

— Vamos ao cinema, podes vir connosco se quiseres. — Mimi brindou-a com aquele tipo de sorriso demasiado radioso que queria dizer: *Estou a falar por falar, não é a sério.*

— Obrigada, mas não. É melhor despachar-me com isto. — Kate ficou

a pensar no que aconteceria ao sorriso de Mimi se ela tivesse respondido,
Ai que bom, adoraria ir!

— Está bem. Um bom dia para *tiiii* — cantarolou Mimi, e desapareceu rapidamente antes que Kate mudasse de ideias.

A porta do apartamento bateu e Kate deixou-se cair na ponta da cama de corpo e meio; depois limpou uma lágrima com um gesto irritado. Estava contente por se ir embora de Nova Iorque, porque haveria de se ralar?

Só que já sabia a resposta: voltar a Ashcombe seria indubitavelmente pior.

Capítulo 2

Quem vivesse numa cidade e fosse a Ashcombe, chamar-lhe-ia aldeia, mas era oficialmente uma vila, encantadoramente bonita e feita para o turismo, aninhada num vale da serra Cotswolds, ao bom estilo campestre e rural. Toda a gente se conhecia e os recém-chegados eram vistos tradicionalmente com desconfiança. A regra tácita ditava que, quem não morasse lá mais de cinquenta anos, nunca passaria de um forasteiro tolerado com má vontade. Depois disso, e caso se tivesse muita, muita sorte, poder-se-ia ser aceite como conterrâneo.

De alguma maneira, quando Juliet Price se mudara de Londres cinco anos antes e abrira a Peach Tree Delicatessen, as regras haviam sido magicamente descartadas.

— Não sei como consegues — disse Maddy, depois de o velho Cyrus Sharp sair da loja a arrastar as botifarras, o cestinho com o seu *pain au chocolat* matinal e um pão de nozes debaixo do outro braço.

— Devias ter ouvido o Cyrus no *pub* há cinco anos, quando ele descobriu que iam transformar o antigo ferreiro numa mercearia. Malditos *yuppies* e a sua comida estrangeirada... põem a cidade a tresandar com ervilhas e alho... o que há de mal numa tarte de carne e uma lata de ervilhas... Quem o viu e quem o vê, é praticamente o teu melhor cliente! E gosta de ti. — Maddy sorriu. — Vai por mim, safaste-te bem.

— Ele é amoroso. — A sorrir, Juliet pegou na vassoura e livrou-se rapidamente da lama seca – oxalá fosse só lama seca — que ficara das botas de Cyrus. — Se ele fosse cinquenta anos mais novo, talvez fosse na conversa dele. Talvez, e se ele não cheirasse tanto a pecuária.

Maddy nunca deixaria de ficar impressionada pela maneira com que Juliet conseguira, misteriosa e *facilmente*, tornar-se numa conterrânea de confiança num período de, quando muito, dois meses. Talvez tivesse algo a ver com os seus lustrosos olhos pretos, cabelo preto lúcido, e um corpinho gloriosamente antiquado em forma de ampulheta. Talvez fosse a sua voz calorosa e aveludada, e a sua compaixão inata, mas fosse lá o que fosse, batia certo. Juliet era bondosa, maravilhosamente discreta e adorada por todos.

Mãe solteira, chegara a Ashcombe com um menino de dois anos, Tiff, o qual herdara o sorriso encantador da mãe e – presumia-se – o cabelo louro do pai ausente. Agora com sete ruidosos e cativantes anos, Tiff – diminutivo de Christopher – era o melhor amigo de Sophie, sobrinha de Maddy. Os dois, que tinham quase a mesma idade, eram inseparáveis.

— Seja como for, olha só para ti — disse Juliet quando Maddy saiu da cozinha com quatro geleiras na mão. — Toda aperaltada a uma segunda-feira de manhã. Sombra e rímel nos olhos. Que bom aspeto.

— Oh, Deus, aperaltada *de mais*? — Maddy fez uma careta; normalmente, não se arranjava muito para fazer as entregas. — Não pareço uma árvore de Natal, pois não?

— Não sejas parva. Os clientes habituais vão ficar a pensar no que terão feito para merecerem tal benesse, mais nada. — Juliet ergueu uma sobrancelha brincalhona. — E eu estou bastante curiosa.

— Estou a arranjar negócio. — Maddy pousou as geleiras no chão.

— Fofinha, vais arranjar.

— Negócio de sandes, espertalhona. Conheci uma pessoa numa festa no sábado à noite. Se souber fazer a coisa, ficaremos com um cliente novo. Ele trabalha na Callaghan and Fox; é a Blunkett's quem os fornece agora. — Maddy não podia deixar de parecer algo presumida; ganhar clientes à concorrência era sempre uma excitação. Especialmente quando a concorrência era a Blunkett's.

— E poderá tratar-se de um cliente novo particularmente atraente?

— Bem, eu não tinha as lentes postas, mas *acho* que sim. — Maddy sorriu e pegou nas geleiras mais uma vez, quando entrou um casal de turistas. — Saberei de certeza quando o vir outra vez.

Juliet, de olhos muito brilhantes, disse:

— Só não te esqueças de voltar cá.

Uma das coisas que os miúdos de sete anos tinham de melhor, descobrira Maddy, era que, quando se perdia alguma coisa irremediavelmente, se lhes podia prometer cinquenta cêntimos a cada um para gastar em guloseimas se a achassem, eles não desistiam enquanto não conseguissem. No domingo de manhã, Tiff e Sophie tinham passado a casa de banho a pente fino, como se fossem dois patologistas criminais e, por fim, tinham localizado a lente de contacto agarrada a uma embalagem de discos desmaquilhantes.

Sophie apresentou-a solenemente a Maddy e disse:

— Acho que isto deve valer uma libra a cada um.

Maddy remexeu na carteira e abanou a cabeça com ar pesaroso.

— És mesmo filha do teu pai.

Sophie olhou-a como se ela tivesse enlouquecido.

— Claro que sou filha do meu pai. Caso contrário, ele não seria meu pai.

De qualquer modo, duas libras foram uma rematada pechincha, as lentes estavam de volta ao seu lugar, os olhos dela, e os temíveis óculos haviam sido, mais uma vez, relegados para a gaveta da mesa-de-cabeceira. Coitados dos óculos, não eram assim tão maus, não mereciam ser vistos com tanto ódio e desprezo. Por momentos, a caminho de Bath, Maddy quase teve pena deles. Porém, custava-lhe muito tê-la. Tinha profunda aversão aos óculos, odiava-os de paixão. Quando se passa o tempo todo na escola a ouvir chamar Caixa d'Óculos – nada original mas cruelmente eficaz –, era difícil não sentir assim. Só de pensar naquele primeiro par de óculos cor-de-rosa horroroso, bastava para rememorar o quanto se sentira deslocada. Tinha outra vez nove anos, além de ser míope não primava pela beleza, o típico patinho feio com o cabelo mal cortado, dentes tortos, pestanas que nem se viam, pernas como palitos. Em suma, não era nenhum colírio para os olhos. Não admirava que toda a gente tivesse passado a maior parte daqueles doze anos a gozar com ela.

Enfim, ao menos formara-lhe a personalidade. E, graças aos céus, desde então ela fizera-se uma bela mulher.

O trânsito em Bath abrandara até ficar no engarrafamento habitual das manhãs de segunda-feira. Com o carro em ponto-morto, Maddy viu-se no espelho retrovisor, não fosse ter bocados de *corn flakes* agarrados aos dentes (dentes que já não eram tortos, graças aos três anos de aparelho intensivo – ah, pois, e a outra alcunha dela fora Mickey Metal. Tinha sido espampante na escola).

Ajeitando o cabelo – louro, escadeado e obediente –, Maddy sorriu para experimentar a imagem, como não tardaria a sorrir para... hum, o coiso. Super-homem. Como uma idiota, deitara as calças brancas estragadas para o lixo no domingo de manhã, esquecendo-se que ainda tinha o cartão-de-visita dele no bolso de trás. Enfim, não interessava. Não tardaria a descobrir.

Mais um sorriso ensaiado garantiu a Maddy que estava com bom ar (Deus abençoe a pintura para as pestanas), que ainda tinha o batom brilhante intacto, e que o nariz não começara a luzir com o calor. Tinha um top azul-turquesa, uma saia cor-de-rosa por cima do joelho e umas sandálias às riscas verdes e cor-de-rosa – mais estilosa do que com as calças de ganga e a t-shirt do costume, mas o pessoal da Callaghan and Fox não saberia que ela só o fazia para causar boa impressão ao seu jeitoso patrão – bem, esperava-se que fosse jeitoso – *ai, o trânsito já mexe outra vez*. Já faltava pouco.

...

Os escritórios ficavam no último andar da Claremont House. Depois de estacionar no parque das visitas, Maddy entregou a encomenda habitual aos contabilistas do primeiro andar, antes de se aventurar pela escada acima. Por uma porta de vidro, lobrigou uma rapariga rechonchuda a escrever à máquina atrás do estiloso balcão amarelo e branco da receção. Quando a geleira de Maddy tocou no umbral da porta, a rapariga ergueu o olhar. Maddy conseguiu entrar e disse:

— Olá, venho da Peach Tree Deli, pediram-me que...

— Ai que bom, já cá está! — A rapariga parou de escrever e pôs-se de pé. — Disseram-nos para contarmos consigo – não faz ideia do quanto estamos entusiasmados. Toda a gente está tão farta de ser enganada pela Blunkett's, mas parece que nos habituamos a sandes reles ao fim de algum tempo, não é? Se eles trouxerem uma coisa de que gostemos mesmo, é um bónus... oh, ena — continuou ela, enquanto Maddy começou a tirar o recheio da geleira, dispondo as travessas azuis e brancas e tirando eficientemente as películas de celofane. Em segundos, já lá estava mais meia dúzia de empregados, todos a papaguear avidamente com a perspectiva de comida à borla. Mas nem sinal do Super-homem.

— O vosso... o vosso chefe está cá?

— No gabinete, ao telefone com um cliente. Ele vem já – oh, isso é salmão fumado? — Parecia que a rececionista ia começar a babar-se. — E o que tem essa – qualquer coisa com frango?

— Frango com maionese de estragão. Tem aqui uma lista de algumas das outras coisas que nós fazemos, e estes são os nossos preços. — Maddy sentiu o coração a bater mais depressa quando algures, fora da vista, abriram e fecharam uma porta. De súbito, apercebendo-se do quanto ansiava por ver o seu salvador, rezou para não corar.

— Já não era sem tempo — exclamou a rececionista gordinha quando se começaram a ouvir passos no corredor. Olhou por cima do ombro e cantarolou alegremente: — Chegou a comidinha! Mais um bocadinho e começávamos sem ti.

Maddy olhou para cima e viu-o a sorrir para ela. Sentiu a boca seca e um zumbido nos ouvidos. Não, não podia ser, não podia.

— Então olá — disse Kerr McKinnon, e acercou-se deles. Era evidente que não fazia ideia de quem ela era, além de ser a rapariga que ele passara por cima de um muro na noite de sábado. Bem, não admirava nada quando se pensava nas evidências. O cabelo dele poderia ser muito mais comprido na altura, e ele ganhara corpo no geral mas, de resto, era mais ou menos o mesmo. Ela mudara, muito mais do que ele.

Oh, Deus, era horrível, *horrível*...

— Kerr, terás de dar as notícias à Blunkett's. — Uma das outras

raparigas estava avidamente a meter uma sandes de atum com chili na boca.

— Não os queremos mais, estão despedidos. Josh, seu comilão, não fiques com as duas de camarão!

— Parece que arranjaste nova freguesia — disse Kerr McKinnon a Maddy com uma piscadela de olho. Virou-se para a rececionista e perguntou: — Vês? Nunca digas que não faço nada por ti.

Kerr McKinnon.

— Com licença. — Maddy recuou abruptamente, a cabeça à roda, quase sem conseguir falar. Aos tropeções, afastou-se do balcão.

— Está tudo bem? — Com ar preocupado, Kerr McKinnon estendeu a mão para lhe tocar no braço. Maddy afastou-se, a assentir e a pensar se iria mesmo desmaiar, o que seria *ridículo*...

Precisava de sair dali; afastou-se do escritório e cambaleou escada abaixo. O Sol transformara-lhe o carro numa fornalha. Maddy sentou-se de lado no lugar do condutor, com os pés de fora e a cabeça nas mãos. O maior choque não era ver Kerr McKinnon outra vez; se ela tivesse passado por ele numa rua apinhada em Bath, digamos, a reação instintiva teria sido muito mais linear: reconhecimento inicial seguido prontamente de um ataque de desdém. Ou de ódio. Talvez de raiva, seguida de desprezo. E depois, em poucos segundos, teria acabado. Ela não iria, por exemplo, correr para ele e começar a atacá-lo. Se tivesse reparado nele, tê-lo-ia simplesmente brindado com um olhar de repulsa e teria seguido em frente.

Porém, aquilo era completamente diferente, e o maior choque de todos era perceber quanto, depois de conhecer e conversar com Kerr McKinnon no sábado à noite, ela desejara vê-lo outra vez.

Maddy gemeu, desesperada. Gostara mesmo dele, e parecia que ele gostara dela. Tinha havido uma faísca, a química da atração mútua. Ela passara o domingo a pensar nele, na esperança de que ele fosse tão simpático quanto ela achava, ironicamente, a pensar em como se chamaria ele. Se a Marcella não tivesse esvaziado o saco do aspirador no caixote do lixo, por cima das calças brancas descartadas, ela tê-las-ia tirado e sacado o cartão-de-visita do bolso de trás. E teria sabido.

Ah, e teria ido ali naquele dia, ao escritório de Kerr McKinnon, e levado comida cuidadosamente preparada para lhe causar boa impressão?

Claro que não. Nem por sombras.

E agora deixara a geleira lá em cima.

— Ei, tu estás bem?

Maddy assustou-se; com a cara enterrada nas mãos, não o vira sair do edifício. Agachado em frente a ela, Kerr McKinnon mostrou-lhe uma garrafa de água gelada e disse:

— Coitadita, estás péssima. Quando te vi empalidecer lá em cima, achei que ias desmaiar. Toma, bebe um golinho. — Desrolhou a garrafa. — Ainda te sentes fraca?

Maddy encolheu-se quando ele levou a palma da mão à testa dela, mesmo como Marcella tantas vezes fizera quando ela se queixara que estava doente e não podia ir à escola.

— Quente — observou ele. — Estar dentro do carro não ajuda. Olha, põe a cabeça entre os joelhos. Assim que recobrares as forças, vamos para o meu gabinete. Ou posso levar-te ao colo, se quiseres. — Fez um sorriso breve. — Não fazia ideia de que tinha este efeito nas mulheres.

Estava a ser simpático, a garantir-lhe que não fazia mal nenhum. Maddy não conseguia retribuir o sorriso. Respirou fundo duas vezes e disse:

— Não vou desmaiar.

— Bom, isso é bom. — Esperou um pouco e depois disse: — É muito bom ver-te outra vez. Estava a começar a pensar no que faria se não aparecesses.

Ele ainda era mais bonito do que ela pensara na noite de sábado; tinha as melhores pestanas que Maddy jamais vira. E aqueles olhos... Credo, até o George Clooney teria inveja. Pior ainda, ele estava a ser tão amoroso, tão preocupado com o mal-estar dela e a possibilidade de ela lhe vomitar para cima dos sapatos.

— A propósito, eles adoram a comida — continuou Kerr. — Portanto parece que nos vamos encontrar muito mais vezes. — Pausa. — Podes fazer um ar mais contente, se quiseres.

Era um pavor. Não valia a pena, ela tinha de lhe dizer.

— Ouve, tenho pena, mas não me parece que vá ser assim. — Agora é que Maddy começava a sentir-se mesmo mal: porque é que ele tinha de ser tão simpático?

— Não estou a perceber. — Mesmo enquanto falava, ele encorajava-a a beber mais água gelada.

— Nem sequer sabes como me chamo — disse Maddy, como uma tolinha.

— E isso é um problema grave? Então e se eu – assim de repente – e se eu to perguntar?

Ele achava engraçado, que ela fizesse muito barulho por nada.

— Chamo-me Maddy. Maddy Harvey.

Ela viu-o assimilar, a perceber. Por fim, o semblante de Kerr McKinnon alterou-se.

— Merda. Estás a falar a sério? — Por uma fração de segundo, a dúvida perpassou-lhe no olhar.

Maddy não o podia censurar. Assentiu, a estremecer violentamente apesar do calor.

— Maddy Harvey? Mas... tu...

Durante um traçoeiro segundo, Maddy desejou não ter dito nada. Agora estava tudo estragado.

— Pois é. — Inacreditavelmente, ou quase, deu consigo a ter pena dele.

— Não tenho o mesmo aspeto. Mudei.

Aeroporto JFK. Milhões de pessoas, e ninguém para se despedir dela. Kate tinha posto o seu chapéu bege de aba mole, na remota esperança de desviar as atenções do seu rosto. Quando parara para beber um *cappuccino* em Heathrow, três anos antes, um australiano de um metro e oitenta que se dizia arqueólogo metera-se com ela. Até lhe oferecera outro café.

Daquela vez ninguém se metia com ela, nem sequer o empregado idoso das casas de banho. Kate não ficou admirada. Pagara pelo seu próprio café e pensara na sua mãe, a qual ia buscá-la de carro ao aeroporto de Heathrow.

Pelo menos, alguém ficaria contente por vê-la outra vez.

É tudo culpa minha, pensou Kate, a folhear distraidamente o *New York Times*. Não podia culpar mais ninguém. Parou numa fotografia de Brad Pitt, a chegar à estreia do seu filme mais recente. Outrora ela tivera fantasias em que conhecia uma estrela de cinema, alguém por quem o mundo inteiro se babasse. Encontrar-se-iam por acaso, na fila do supermercado ou coisa assim, e começariam a conversar descontraidamente. Naturalmente, encantado com o belíssimo aspeto e personalidade cativante dela, a estrela de cinema apaixonar-se-ia por ela – ai sim, seria como no filme *Notting Hill* outra vez, incluindo um guião arrojado de Richard Curtis.

Kate cruzou as pernas e virou a página que tinha a fotografia de Brad Pitt. Já não se ralava com fantasias dessas.

Capítulo 3

Jake Harvey tinha público, mas não dava a entender que o sabia. Era assim que os potenciais clientes gostavam. Ele continuava a trabalhar, eles ficavam ali a ver e, passados minutos, ele virava-se e sorria-lhes, talvez trocassem uma saudação amistosa, e depois voltava à tarefa entre mãos. Era uma técnica de vendas discreta e sem pressão que agradava a Jake. Apreciava o seu trabalho e isso via-se. Mais cedo ou mais tarde, a curiosidade levava sempre a melhor às visitas. Ele deixava-as encetarem a conversa. Os seus modos descontraídos, a indicarem que não se ralava nada se eles ficavam ou partiam, o mais das vezes davam frutos. E quando não davam, bem, ele genuinamente não se ralava assim tanto. Eram turistas, compradores por impulso, era igualmente provável que saíssem de Ashcombe com dois bilhetes-postais ou um boião de marmelada caseira da Peach Tree. Não se podia conquistá-los a todos.

Por outro lado, naquele ramo de comércio, nunca se sabia quando eles – ou as suas famílias – poderiam, algures no futuro, voltar.

Jake pousou a pistola de cola, endireitou-se e esticou os braços. Nu até à cintura, apenas com umas calças de ganga drasticamente desbotadas, sabia que tinha bom aspeto. O trabalho ao ar livre dera-lhe um bronzeado da cor do chá forte e, quando se espreguiçava, os músculos das costas mexiam-se debaixo da pele. Virou-se finalmente e viu que a rapariga ali à espera era do tipo que não comprava nada: a nórdica de mochila às costas. Ele sabia que ela era nórdica por causa do cabelo louro, dos calções cor de caqui, das botas de caminhada e das peúgas brancas.

Aliás, ela nem era nada bonita, mas Jake sorriu-lhe mesmo assim. Não se importava.

— Olá.

— Olá. Isto é fascinante. Nunca tinha visto este tipo de coisa. — A rapariga falava um inglês excelente. — O caixão já tem dono?

Jake assentiu e passou a mão ao de leve pela tampa lacada a lápis-lazúli e incrustada com vidrinhos que ele estivera a aplicar com a pistola de cola. Os vidrinhos cintilavam como luzes feéricas ao Sol.

— Tem, pois, este vai para uma inglesa de setenta e seis anos que vive em Chipre.

A rapariga fez uma cara apropriadamente compassiva.

— E morreu?

— De todo. Está em grande forma. — Jake sorriu e bebeu um gole de Coca-Cola de lata. — Tenciono usá-lo para mesinha de café entretanto. Disse-me que, quando se for, até poderá ter o corpo todo cheio de rugas e velho, mas que, pelo menos, o caixão será belíssimo.

— Mas que ideia tão bonita. — Encantada, a rapariga olhou além dele para a oficina na penumbra.

— Acho uma maravilha. Mas se os seus clientes morrerem primeiro, como é que...

— Trabalho mais depressa — respondeu Jake, de bom grado. — Cinquenta por cento dos casos. Uns gostam de ser eles a escolher o caixão e a conceber o padrão. Outras vezes são os parentes que me contactam depois da morte e escolhemos qualquer coisa juntos. Desde que não queiram nada muito complicado, consigo terminar num dia e mandar-lhes por correio expresso. Os caixões são feitos de cartão, por isso não são assim tão pesados. E também são mais baratos. A encomenda de um caixão decorado à mão acaba por custar mais ou menos o mesmo que um de madeira simples. Esteja à vontade para dar uma vista de olhos — continuou ele, a fazer sinal para a oficina, onde se viam fotografias afixadas na parede ao fundo. — São trabalhos meus. E tenho um catálogo de padrões na mesa do canto.

Já que fazia uma pausa, Jake acompanhou a rapariga à oficina e ligou o jarro elétrico para fazer chá. Ela contemplava as fotografias de um caixão particularmente extravagante, coberto de veludo cor de púrpura vibrante, orlado a ouro e pintado com lírios brancos.

— Lili DeLisle, a cantora *rock*. Era dela — disse Jake. — O marido pediu-me que o fizesse quando ela morreu naquele desastre de avião. Na fotografia não se vê, mas a letra de uma canção dela, «Take Me», está gravada ao longo da orla dourada. Deu grande impulso ao meu negócio — disse ele alegremente. — Toda a gente que o viu quis saber de onde viera. Os estames dos lírios eram diamantes verdadeiros.

— E cartas de clientes satisfeitos — exclamou a rapariga, avançando.

— Bom, talvez não sejam dos próprios clientes. Mas depois do funeral a família geralmente escreve-me para contar da grande diferença que foi ter um caixão assim.

— Gosto deste. — A rapariga tocou na beira da fotografia de um caixão decorado com simplicidade, nuvens brancas num céu azul cerúleo, com uma ave prateada a esvoaçar por cima delas.

— É dos que mais se vendem. Apetece-lhe um chá?

— Gostaria muito. Mas como não estou para morrer, não preciso de caixão, se estiver a contar com isso.

— Não fale antes de tempo — disse Jake. — Não sabe o que é que eu lhe podia deitar na chávena.

Sentaram-se ao fresco juntos, a bebericarem o chá e a conversarem sobre os aspetos mais famosos de Bath que Trude passara a manhã a visitar.

— Muito bonita — disse ela, a assentir com ar sério — mas tem gente a mais. Seria muito melhor se não houvesse tantos turistas.

Jake não se desmanchou. — Às vezes não se aguenta.

— Sabe, a minha avó está muito velhota. Acho que ela poderia gostar de um dos seus caixões. Tem algum panfleto, talvez, para eu lhe poder mostrar o seu trabalho?

— Tenho, pois. Melhor ainda — disse Jake, dando um salto à oficina e voltando com uma brochura e uma embalagem de bolachas, — tem o meu endereço *Web* também. É assim que faço mais negócio.

Trude guardou a brochura cuidadosamente num dos bolsos da mochila.

— Gosto do seu negócio, muito mesmo. Mas como é que começou? Onde é que foi buscar a ideia de fazer isto? Ah, obrigada. — Corou ligeiramente e tirou uma bolacha digestiva do pacote, espalhando migalhas na parte da frente dos calções cor de caqui.

— Bem, a minha irmã faleceu quando eu tinha catorze anos — disse Jake, e Trude lançou-lhe um olhar angustiado, sem poder falar com a boca cheia de bolacha.

— Não faz mal — disse Jake, — estão sempre a perguntar-me isso. Seja como for, a April tinha dezasseis anos, e o meu pai achou que ela não queria ser enterrada num caixão simples. Fez um de madeira e pintou-o de rosa-pálido, porque era a cor favorita da April. Depois nós todos deixámos lá as impressões das nossas mãos, e o pai pintou flores silvestres e borboletas no resto do espaço. A April teria adorado. — Jake sorriu. — Portanto, aqui tem, foi assim que tudo começou. Eu soube logo que queria trabalhar nisto. Saí da escola aos dezasseis anos e montei negócio. E pronto, quase dez anos depois, ainda cá estou.

— Num lugarejo como este. — Trude estava admirada.

— Ah, mas é o meu lugarejo. — Ao ver Marcella e Sophie na direção deles pela Gypsy Lane, Jake acenou e fez um largo sorriso. — Toda a vida vivi em Ashcombe.

Momentos depois, Sophie saltitou pelo resto da Gypsy Lane fora e lançou-se nos braços dele. Era como apanhar uma cadelinha exuberante e

remexida. Jake girou com ela, deu-lhe um beijo no alto da cabeça cheia de tranças e disse:

— Estou a ficar velho de mais para isto. O que têm andado as duas a fazer?

— Colares de malmequeres. — Orgulhosa, Sophie mostrou-lhe o colar esfarrapado que tinha na mão esquerda, e pendurou-lho ao pescoço.

— Este é para ti, papá.

— Agora toda a gente vai pensar que sou uma menina — disse Jake.

— Não pensam, porque tens barba no queixo. — Num gesto amoroso, ela passou um dedo sujo pelo maxilar dele. — Seja como for, isso é uma surpresa para depois. Às seis da tarde no jardim das traseiras, e tens de vestir camisa.

— Que espécie de surpresa?

— Eu e o Tiff vamo-nos casar.

— A sério? — Jake ergueu o sobrolho para Marcella, que estava encostada à parede a acender um cigarro.

— Mãe, sabias disto?

Marcella encolheu os ombros como quem diz, «o que se há de fazer?»

— Querido, tentei dissuadi-los, tentei convencê-los a esperarem uns anos, mas não me deram ouvidos. Tu sabes como são os jovens de hoje em dia.

— Está bem. — Jake pôs a filha no chão. — Desde que não estejas à espera de prenda de casamento, não tive tempo de ir às compras.

Radiante, Sophie retrucou:

— Não faz mal. Podes dar-me um cheque.

Atrás de Sophie, Trude estava perplexa, claramente sem perceber a dinâmica da família diante dela. Jake sorriu de si para consigo, porque a confusão era uma ocorrência relativamente comum e sempre fonte de entretenimento. Ele sabia exatamente o que passava pela cabeça de Trude.

— Anda lá, bichinha, temos de começar a preparar-te. — Marcella estendeu a mão. — Todas as noivas têm de tomar banho antes da cerimónia.

— Oh, *vó, porquê?* — Sophie fez cara de desagrado. — Tomei banho no sábado.

— Ninguém se quer casar com uma rapariga que tenha os joelhos sujos.

— O Tiff não se importa. Ele também detesta tomar banho. — Sophie revirou os olhos escuros e foi ter com Marcella. — Está bem. E papá, não te esqueças. Às seis horas.

Jake abanou a cabeça, a fingir-se desesperado, enquanto Marcella e Sophie subiam a rua até à Snow Cottage.

— Quantos anos tem ela? — Perguntou Trude.

— Sete.

— Você era muito novo quando foi pai.
— Dezassete.
— Ela é linda. Deve ser um pai babado. — Trude hesitou, como ele sabia que ela faria. — E a senhora que estava com ela? Você chamou-lhe mãe, mas é sua sogra, não é?
— Não, é minha mãe — respondeu Jake, descontraído.
Trude, outra vez confusa, disse:
— Desculpe se estou a ser impertinente, mas a sua filha é... hum, negra.
— Bem visto — disse Jake, com um sorriso.
— E a sua mãe também.
Jake ajudou: — Negra.
Coitada da Trude, franzira o sobrolho como o Inspetor Morse, sem dúvida a mirar o cabelo louro manchado, os olhos verdes e a barba rala e dourada de Jake.
— Portanto, desculpe, mas você não é... hum...
— Não faz mal — Jake assentiu em sinal de encorajamento. — Pode dizer. Não sou negro.
— Exato — exclamou Trude, aliviada. — Mas não compreendo. Como é que você é branco?

Capítulo 4

Quando Robert Harvey perdera a sua jovem mulher, Annabel, doente de leucemia linfoblástica, ficara destroçado. Sozinho de luto com três filhos pequenos, não se imaginava a encontrar o amor outra vez. Dois anos mais tarde, quando conhecera Marcella Darby num café em Keynsham onde ela era empregada, ficara a pensar no que fizera para merecer uma segunda oportunidade. Marcella, então com vinte e dois anos, era engraçada e irreverente, viva e apaixonada. Robert, convencido de que tinha de haver um senão, tentara – com espetacular insucesso – ocultar os seus sentimentos. Porém, depressa se percebeu que não havia senão. Em semanas, descobriu que encontrara a sua alma gémea.

Ainda sem acreditar na sorte que tinha, levava Marcella para Ashcombe e apresentara-lhe os três filhos. April nessa altura tinha seis anos, Maddy cinco e Jake quatro. Era arriscado, mas tinha de se fazer. Marcella não se assustara quando soubera da existência deles; aliás, afirmara adorar crianças, mas palavras e ações eram duas coisas diferentes. Não havia garantias de que não corresse alguma coisa mal.

Mas não correu. A ligação entre Marcella e os filhos de Robert fora instantânea, irrevogável e comovente. Marcella adorara os três e exprimira tão bem os seus sentimentos que eles também a adoraram. Quinze dias depois de se conhecerem, Maddy e Jake perguntaram ao pai se Marcella não podia viver com eles. No fim da semana seguinte, ela mudou-se e, no final do mês, todos os três filhos a tratavam por mamã. Três meses depois, eles casavam-se.

A chegada de Marcella a Ashcombe causara burburinho. Alguns dos residentes mais antigos ficaram assaz agitados, pois nunca haviam visto ninguém negro. Porém, a maioria dos habitantes, compadecidos do passado trágico da família e contentes por verem Robert novamente bem-disposto, acolheram Marcella com genuína simpatia. A própria Marcella, com o seu entusiasmo e exuberância naturais e sorriso encantador, depressa conquistou os outros, os antigos lavradores que estavam à espera de a ver fumar charros no *pub* e transformar Ashcombe num antro

de vício, e os cétricos que sussurravam que ela só se casara com Robert Harvey por dinheiro.

Não era que ele tivesse dinheiro, mas essa era a primeira regra dos mexericos nas terrinhas: à falta de uma desculpa esfarrapada, inventa-se.

Todavia, ninguém pôde duvidar do amor genuíno de Marcella pela sua nova família quando, na festa de verão desse ano, April foi coroada rainha do Carnaval. Ninguém poderia estar mais orgulhoso do que Marcella, que passara semanas a coser lantejoulas no vestido cor-de-rosa Barbie que fizera aturadamente à mão. A rapariguinha, que sofria de paralisia cerebral e nunca ganhara nada na vida, insistira em fazer o seu próprio discurso na coroação, e Marcella aplaudira com lágrimas nos olhos.

Oito anos mais tarde, o impensável acontecera. A tragédia atacou novamente em maio, numa soalheira tarde de sábado. April saíra de casa e subira Gypsy Lane para ir a casa de uma amiga. Um carro descontrolado fizera a curva com velocidade, galgara o passeio e projetara April quinze metros no ar. Segundo o médico-legista do inquérito, já devia estar morta quando embateu no chão.

Robert e Marcella ficaram inconsoláveis. A mágoa só aumentou durante o julgamento, quando se alegou que a deficiência de April contribuíra para o acidente, que ela andava no meio da estrada quando o carro dera a curva.

— A April *nunca* andava no meio da estrada — trovejou Marcella. — Nunca saía do passeio. Como se atrevem a dizer isso só para tentarem safar aquele sacaninha ranhoso?

Não o safaram, e o sacaninha ranhoso, de dezassete anos – irmão mais novo de Kerr McKinnon –, foi dado como culpado de condução perigosa. Den McKinnon foi condenado a dois anos de prisão, o que não acalmou Robert e Marcella nem um bocadinho.

— Dois anos. — Marcella chorava na escadaria do tribunal, a ferver de raiva de tal modo que quase nem conseguia falar. — Dois anos... como é que isso pode compensar-nos pela morte da nossa linda menina? Se voltar a ver aquele assassino, mato-o com as minhas próprias mãos, juro que o mato.

Marcella fizera muitas juras naqueles dias tenebrosos, ainda mais quando se espalhou em Ashcombe um boato, em como a mãe do rapaz dissera à porta do tribunal que não era como se os Harveys tivessem perdido um filho normal, que toda a gente sabia que a rapariga não batia bem. Quando Marcella soube disto, tiveram de a agarrar.

— Santíssimo Sacramento, mas esta gente é *humana*? O que significa isto, que por a April ter paralisia cerebral até nos fizeram um *favor*? Que matá-la equivale a atropelar um animal? É isso? Estarei a ouvir bem? — Abalada com o desgosto, estava quase literalmente a arrancar cabelos.

— Então o que lhes parece que devemos fazer para nos animarmos, comprar um coelhinho?

Contudo, à medida que os meses passavam, a família ganhou forças. O amor que os unia salvou-os. Sobreviveram e aprenderam a ser felizes novamente. Marcella e Robert dedicaram-se a fazer do resto da infância de Maddy e Jake uma experiência idílica e, quando Maddy escreveu num trabalho da escola que tinha a melhor mãe e o melhor pai do mundo, sabia que – ao invés dos outros colegas de turma, os quais apenas assim pensavam – escrevia a mais absoluta verdade.

Estelle chegara a Heathrow com tempo de sobra para receber a filha à saída do voo de Nova Iorque. À espera de Kate no portão das chegadas, deu consigo a ser empurrada por uma família entusiasmada que desenrolava uma faixa artesanal que dizia «Bem-vindo a Casa». Comovida com o que via, Estelle ficou a pensar na reação de Kate se saísse pela porta e desse com a mãe a abanar uma faixa de boas-vindas. Talvez não. Não era o tipo de gesto que Kate apreciasse. E elas não eram desse tipo de família.

A criancinha no carrinho ao lado dela cuspiu a chucha mesmo para cima do pé de Estelle. Ela apanhou-a e devolveu-lha, e os agradecimentos foram uma carantonha, como se a culpa fosse toda dela. Estelle lembrou-se logo da filha com a mesma idade – altiva, indiferente –, endireitou-se e reprimiu os nervos. Adorava a filha, *claro*, mas também tinha um bocadinho de medo dela.

Valha-me Deus, que coisa horrorosa de se pensar. Não tinha medo, sentia-se intimidada. Kate herdara os modos desprendidos do pai, e a distância emocional só aumentara na escola que ela frequentara. Estelle não ficara convencida da necessidade de a mandar para a muitíssimo dispendiosa Ridgelow Hall, mas Oliver insistira.

— Fazes ideia de como ela ficará se a despejarmos na escola pública mais próxima? — Perguntara ele. — Santo Deus, mulher, estarás louca?

Por conseguinte, Estelle cedera, a pensar que talvez estivesse enganada, mas as dúvidas há tanto tempo reprimidas haviam voltado para a atormentar. Quanto à escola pública mais próxima, parecia que não fizera mal nenhum a Maddy e a Jake. Podiam não ter doutoramentos, nem carreiras estratosféricas, mas eram completamente boas pessoas e tinham-se feito no tipo de adultos que são o orgulho de qualquer pai. Além disso, claro, adoravam a sua mãe. Apesar de todas as coisas verdadeiramente terríveis que haviam acontecido a Marcella ao longo dos anos, Estelle invejava-a secretamente.

— Lá está ele! Papá, papá, estamos aqui! — A família ao lado dela começou a gritar e Estelle viu-se obrigada a sair do caminho para não ficar

enredada na faixa que adejava freneticamente. O papá, depois de berrar também encantado, deu uma corrida e pegou em várias crianças pequenas ao colo. Enquanto elas o enchiam de beijos e lhe diziam as saudades que tinham, Estelle viu-o fitar a esposa e dizer *Amo-te* sem um som. A esposa, que nem devia ter quarenta anos, sorriu como uma noiva adolescente e soprou-lhe um beijo, sem se importar de esperar pela sua vez.

Estelle sentiu os olhos marejados de lágrimas. Estava agora reduzida a invejar desconhecidos – desconhecidos que sacudiam o tipo de faixa que a própria filha desdenharia e consideraria de mau gosto.

Não se importava nada de apostar que aquele casal iria fazer sexo fabulosamente nessa noite.

Depois endireitou-se, porque Kate vinha a sair, a empurrar um carrinho cheio de malas até cima, com ar de celebridade que viaja incógnita, trajada com calças e casaco antracite, óculos escuros e chapéu a imitar feltro.

— Querida! Aqui! — Estelle chamou (com algum mau gosto), e acenou para lhe chamar a atenção. Ao vê-la, Kate mudou de rumo, aproximou-se e ofereceu a face ileso para um beijo. Estelle abraçou-a com grande entusiasmo, numa débil tentativa de não ficar atrás dos vizinhos, e derrubou o chapéu de Kate, o qual aterrou no colo da criança que estava no carrinho a seu lado.

O rapazinho olhou para o chapéu como se fosse uma bomba. Kate pegou nele e pô-lo outra vez na cabeça. Estelle encolheu-se quando uma das crianças perguntou:

— Mamã, o que aconteceu à cara daquela senhora?

— Chiu — ralhou a mãe. — Não é bonito dizer essas coisas. Coitadinha... — Fez um ar simpático para Kate. — Desculpe. Sabe como são as crianças.

Kate lançou à mulher um olhar que poderia transformar nozes em pickles e disse bruscamente:

— Mãe, podemos sair daqui? *Já?*

Kate esperou que acelerassem pela M4 fora no Lancia antes de tornar a falar.

— O pai vai lá estar quando chegarmos a casa?

Estelle lançou-lhe um olhar envergonhado.

— Desculpa, querida. Teve de ir trabalhar.

— Mais do mesmo. — Kate viu a mãe acender um cigarro. Estelle, fumadora furtiva quando tinha o marido por perto, precisara do empurrão de um Marlboro para poder enfrentar os terrores da autoestrada.

— Mas não há de chegar tarde — continuou Estelle animadamente, como fizera nos últimos vinte e tal anos — e está *ansioso* por te ver. — Pausa. — Achei boa ideia jantarmos esta noite no *Anjo*, só nós duas.

Kate estremeceu. O *Anjo Caído* era o único *pub* de Ashcombe. «Só nós duas» podia traduzir-se mais ou menos como: «nós duas sentadas a uma mesa, enquanto todos os mirones do *pub* nos miram e se riem do castigo da boazona empertigada».

Ela não pedira para ser a boazona empertigada, eles é que lhe tinham pespegado esse rótulo, sabe Deus há quantos anos, e desde então ela tivera de o aguentar.

— Querida. Eu sei, mas tens de acabar por encará-los. — Estelle sabia muito bem como eram os mexericos numa terrinha.

Kate suspirou e olhou pela janela, a ver a região de Berkshire a passar, numa névoa de terra verde-esmeralda dividida pela autoestrada e árvores geometricamente plantadas. Sabia que a mãe tinha razão.

Em voz alta, disse:

— Veremos.

— Tens de contar à mãe — disse Jake.

— Não posso contar à mãe. — Maddy cobriu o rosto com as mãos. — Ela passa-se.

— Mas devias. Ela tem, pelo menos, o direito de saber que ele voltou. — Jake falava em voz baixa. Estavam no jardim das traseiras da Snow Cottage, Maddy sentada à chinesa na relva e Jake deitado numa rede, os olhos protegidos por óculos escuros, uma lata de cerveja na mão. Lá em cima, Marcella fazia novas tranças a Sophie, nos preparativos para a cerimónia.

— Ele voltou há meses e ela não sabe de nada. E mora em Bath — disse Maddy. — Quais são as hipóteses de ela o encontrar?

— Praticamente as mesmas de *tu* o encontrares — salientou Jake. — E encontraste. Credo, não acredito que ele não te tenha reconhecido. Devias ser ainda mais feia do que eu me recordo.

— E era. — As recordações não importavam; Maddy tinha fotografias infelizes para provar, mas deu um safanão à rede, e Jake entornou Fosters gelada no peito nu.

Salpicou-a com a cerveja que limpou com os dedos.

— Obrigadinho. E agora? Deprendo que não vais fazer entregas na empresa dele.

Maddy refletiu. Já contara a Juliet, na qual poderia confiar, e Juliet reagira com o seu típico pragmatismo:

— Ouve, não digo isto só por implicar mais negócio para nós, mas só lhes vamos levar sandes. E tu disseste que os empregados dele adoraram os nossos produtos. Quer dizer, porque é que haviam de ficar a perder? — Ela encolhera os ombros, e continuara, à sua maneira amável: — Claro que a

decisão é tua. Se *tu* queres ou não. Disseste que ele foi simpático; que disse ele a respeito disto?

— Que era comigo.

— Pronto, basta ponderares.

Era o que Maddy andava a fazer desde então.

— Papá! — Ouviu-se uma voz zangada a berrar e a cabeça de Sophie apareceu à janela do seu quarto.

— Vai vestir qualquer *coisa*. Não me posso casar se não estiveres de camisa.

Jake rebolou da rede para fora e aterrou descontraída e experientemente de pé, e depois passou a Maddy a lata de cerveja meio vazia.

— Ainda acho que devias contar à mãe.

Maddy imaginou a reação de Marcella. No que tocava a brigas de família, os Harveys e os McKinnons deixavam os Montéquios e os Capuletos a um canto. Pensou em Kerr e sentiu um aperto no estômago.

— Talvez. Mas ainda não.

Capítulo 5

Marcella era empregada da limpeza em casa dos Taylor-Trents, e foi assim que Maddy soube que Kate Taylor-Trent já teria chegado a casa. Parecia quase incrível imaginar que elas outrora haviam sido as melhores amigas uma da outra, a brincarem juntas todas felizes e a partilharem tudo, até aos onze anos de idade.

Depois tinham mandado Kate para um colégio interno – Maddy recordava-se bem da despedida chorosa – e fora o princípio do fim. Quando Kate voltara de Ridgelow Hall no fim do primeiro período, levava com ela a sua nova melhor amiga, uma rapariga confiante de doze anos chamada Alicia, cujo pai era magnata da imprensa. Alicia resistira aos esforços de Maddy de se juntar a elas e Kate, ansiosa por impressionar Alicia, começara servilmente a fazer o que ela mandava. Por fim, Maddy ouvira sem querer Alicia declarar: «Ela tem aqueles óculos horrorosos, o pai é taxista e a madrasta é *preta*. O papá teria um ataque se soubesse que eu me dava com alguém assim.» Maddy entrara de rompante na imensa cozinha dos Taylor-Trents e dera uma sonora bofetada a Alicia, antes de correr da casa para fora. Esperou o resto da tarde que Kate fosse ter com ela a casa para pedir desculpa. Ela não o fez, e Maddy não a viu mais o resto das férias.

Depois disso, Kate só tinha tempo para as cabras das suas colegas ricas. Quando encontravam Maddy na vila, faziam sorrisos e comentários desdenhosos nas costas dela, mas sempre alto o bastante para ela ouvir. De cabelo lustroso e imaculadamente bem arranjadas – promissoras raparigas da moda –, gozavam com a roupa de Maddy, com o aparelho dos dentes, com o ar desajeitado dela e, claro, com os óculos do Serviço Nacional de Saúde. O resto do tempo, falavam em voz alta sobre a riqueza dos pais, as férias exóticas que iam fazer naquele ano, e no horror que seria ser pobre e ter os joelhos tortos.

Oh, o quanto elas gozavam com os joelhos dela.

Maddy não deixara que a experiência a traumatizasse para a vida. Kate e as suas novas amigas snobes até podiam divertir-se a gozar com ela e os seus amigos, mas também fora hilariante gozar com elas, imitar implacavel-

mente as suas vozinhas melodiosas e debater em voz alta qual dos pais teria o helicóptero maior ou o iate mais luxuoso.

Isto prolongara-se até Kate sair de Ridgelow Hall. Daí em diante, o tempo todo que ela passara na escola de etiqueta na Suíça, e depois na universidade, a mudança para Nova Iorque, os caminhos delas nunca se cruzaram. Muito ocasionalmente, Kate ia a casa de fugida, mas nunca se aventurava na terrinha. Estelle e Oliver iam visitá-la com mais frequência, ou encontravam-se com ela nas férias prolongadas em sítios deslumbrantes pelo mundo fora.

Depois chegaram as notícias do acidente de Kate, e Maddy não soubera o que pensar. De férias nos Hamptons com um grupo de amigos, Kate estampara o carro que conduzia e sofrera lesões horrendas no rosto e no pescoço. Estelle, não era de admirar, ficara muito abalada. Oliver arranjara os melhores tratamentos possíveis e forrara os bolsos dos cirurgiões mais competentes do mundo. Maddy ficara horrorizada e envergonhada por descobrir que, embora fosse uma coisa terrível, *terrível* de acontecer a qualquer pessoa, o seu lado subversivo não conseguia deixar de imaginar o rosto sorridente e belíssimo de Kate e de pensar *é bem feito*.

Agora, quase um ano depois e apesar dos melhores esforços dos cirurgiões, Kate Taylor-Trent regressava a Ashcombe com um rosto que ainda tinha cicatrizes visíveis do acidente. Se ela a visse – e, mais cedo ou mais tarde, acabariam por se encontrar –, Maddy não sabia se haveria de ser simpática com Kate, a primeira amiga e depois inimiga que ela não via há mais de oito anos. Apesar dos inúmeros nomes feios que Kate outrora lhe chamara, Maddy não achava que pudesse retaliar agora. Aos vinte e seis anos, devia ser coisa que as pessoas censuravam. Mesmo que, por vezes, ela ainda sentisse ter catorze anos, por dentro.

O casamento foi um enorme sucesso, apesar da recusa de Tiff e Sophie em se beijarem, quando Marcella declarou «Pode beijar a noiva», alegando que era um *nojo* dar beijos.

Depois de passarem a noite a ver um programa comemorativo dos *Rugrats*, os noivos estavam no andar de cima, nos seus beliches, a dormir profundamente. O facto de dormirem em casa um do outro duas ou três vezes por semana dava imenso jeito aos seus pais solteiros e, quando Juliet e Jake queriam sair na mesma noite, como aquela noite, Marcella não se importava nada de tomar conta das crianças (não que se pudesse dizer isso. Sophie uma vez salientara altivamente, «Não somos crianças, tu estás só a fazer companhia»).

Maddy foi vê-los lá acima. Ajeitou a perna escura e magra da sobrinha debaixo do edredão e tirou cuidadosamente um boneco travesti

(tinha um dos tutus da Barbie) que estava debaixo do pescoço de Tiff. Desceu as escadas e deu com Marcella estendida no sofá a comer batatas fritas picantes e a ver um documentário na BBC 2. Desde que conheceu Vincenzo d'Agostini, três anos antes, e se mudara para casa dele, em Holly Hill, Marcella encontrara outra vez a felicidade – e bem a merecia. Toda a gente adorava Vince e declarara que eles tinham sido feitos um para o outro. Com uma dor no coração, Maddy viu que o documentário era sobre famílias de acolhimento. A impossibilidade de Marcella ter filhos seus havia sido um desgosto para todos eles; mesmo agora, com quarenta e três anos de idade, ela ainda nutria instintos maternais poderosos.

— Eu podia fazer aquilo. — Marcella apontou para o televisor com a batata que tinha na mão. — Achas que me deixariam, ou já estou velha e decrépita?

Maddy debruçou-se nas costas do sofá e abraçou a mãe.

— Serias ótima, mas não vás lá buscar um para fazeres surpresa. É o tipo de coisa de que é preciso conversar primeiro.

— Isso foi diferente, a *Bean* era cachorrinha. — Marcella reconheceu a indireta. — Não houve tempo para conversas. O homem disse que, se eu não ficasse com ela, tinham de a abater. Que mais poderia fazer?

— Oh, sei lá, que tal andar com um cartaz a dizer, «Vá lá, conte-me uma história de fazer chorar as pedras da calçada, que eu sou crédula»?

— Mas olha só para ela! — Marcella pegou na *Bean*, que estava aninhada a seu lado, e deu-lhe uma volta no ar. — Mesmo que o homem me estivesse a enganar, como é que eu poderia recusar? Se fosses tu a lá estar, também não conseguirias.

— Não lhe teria pago cinquenta libras — disse Maddy, porque Marcella era realmente das pessoas mais crédulas. O viajante que lhe vendera a *Bean* numa esquina movimentada do centro de Bath mal acreditara na sorte que tivera, decerto.

— Estás a dizer que a *Bean* não valeu o preço? Oh, fofinha, não ouças, tapa os ouvidos! Seja como for — continuou Marcella, dobrando as orelhas moles e compridas da cadelinha debaixo do focinho, — não devias ter ido embora já? Se este programa me vai fazer chorar, prefiro que seja em paz.

Maddy imaginou-se a dizer à mãe que o homem que ela conhecera na noite de sábado e de quem tanto gostara era, de facto, Kerr McKinnon. Marcella poderia não desatar a chorar, mas a torrente de insultos que sairia dela seria um espetáculo.

Decerto que seria mais humano não lhe contar.

...

O *Anjo Caído* estava mais cheio do que era costume numa segunda-feira à noite. Maddy juntou-se a Jake e a Juliet no bar e tornou a ficar impressionada com o belo par que faziam, Jake tão esbelto, louro e bronzeado, como um surfista, ao lado de Juliet com os seus encantadores cabelos e olhos pretos, pele branca como um lírio e corpo curvilíneo. Visualmente, eram o casal perfeito, davam-se bem como o lume perto da estopa e adoravam os filhos um do outro. Contudo, não havia uma réstia de química entre os dois. Era um desperdício, mas não havia nada a fazer; simplesmente, não se sentiam atraídos um pelo outro – *oh, as bebidas*.

— Obrigada. — Maddy sentou-se ao lado de Juliet, que lhe metera o copo de Fitou na mão. — Ainda não há sinal da outra equipa?

Às segundas à noite jogavam aos dardos e, naquela noite, iam defrontar os vizinhos do *Raposa Vermelha* da vila de Claverham.

— Atrasam-se sempre. Então, já contaste à Marcella? — Jake fez sinal com a garrafa de cerveja vazia para a empregada atrás do balcão, Nuala.

— Mais uma destas, querida, se não te importas. Então? — Voltou a dar atenção a Maddy, com uma sobancelha erguida.

— Não, não consegui. Mas que cheiro delicioso. — Ansiosa por mudar de assunto, Maddy levantou a cabeça quando uma das empregadas saiu da cozinha com uma série de travessas em cada braço. À direita do bar ficava a parte do restaurante, onde já se viam várias mesas ocupadas.

— Cobardolas — retrucou Jake.

Juliet deu-lhe uma cotovelada.

— Deixa-a em paz. Não vejo porque é que a Maddy tem de lhe contar. Mesmo que a Marcella descubra que o tipo voltou para Bath, ela pode sempre fingir que não sabia de nada.

Maddy assentiu. Até fazia sentido. Pronto, talvez fosse um bocadinho aldrabice, mas ela só o fazia para bem de Marcella...

Fosse como fosse, o que era aquele silêncio súbito? A conversa morreu e Maddy virou-se no banco alto, apercebendo-se de que entrara alguém no *pub* por detrás dela.

Oh, merda, oxalá não seja o Kerr McKinnon.

Não era, embora a recém-chegada tivesse causado o mesmo burburinho. Mas os burburinhos faziam barulho, não era? Aquilo era o oposto de barulho, era o antiburburinho.

Maddy, e todos os outros, não puderam deixar de olhar para Kate Taylor-Trent. Ela tê-lo-ia feito de qualquer forma, mesmo que o acidente de Kate não se tivesse dado; afinal, há oito anos que não a via. Porém, as cicatrizes lívidas estavam lá para todos verem, apesar do boné desportivo que ela enterrara na cabeça. Kate seguiu a mãe pelo *pub* fora até ao restauran-

te, olhando em frente com determinação, recusando-se a encarar qualquer pessoa.

Jake murmurou:

— É como aquela parte do *Comboio Apitou Três Vezes*.

Tirando alguns dos presentes que cumprimentaram Estelle com um aceno de cabeça e murmuraram «Boa noite, Sr.^a Taylor-Trent», mais ninguém falou. Desesperada por interromper aquele silêncio embaraçoso, Maddy desatou a rir como se tivesse acabado de ouvir uma belíssima piada, mas depois apercebeu-se de que parecia estar a rir-se de Kate. Apressando-se a disfarçar o percalço, disse animadamente:

— Juliet, devias tê-los visto, estavam tão *engraçados* — e viu que isto só a fazia parecer mais culpada.

Ainda por cima, Kate escolheu esse momento para olhar para trás, diretamente para ela. Sentindo-se pavorosa e cheia de comichões com a vergonha, Maddy fingiu não reparar e bebeu uma golada de Fitou.

— Quem é que estava engraçado? — Perguntou Juliet, perplexa.

Divertidíssimo, Jake despenteou Maddy e respondeu:

— Ninguém. Bom, tirando a minha irmã.

— O Tiff e a Sophie, como eu dizia. — Maddy decidiu apostar no *bluff* e fingir que não estava apenas a dizer baboseiras.

— E pareciam tão doces esta noite deitados nos beliches, era o que eu queria dizer. A Sophie insistiu em dormir com o vestido de noiva.

— E tu ainda estás corada — Jake não resistiu à farpa.

— Oh, cala-te. — O facto de ter visto Kate fazia-a regredir no tempo; sentia-se estúpida e deslocada outra vez e, ainda por cima, estava mais vermelha do que o vinho tinto que tinha no copo. Pronto, para com isso, *chega*.

Nuala Stratton debruçou-se no balcão, abismada.

— É ela? Aquela que era tão mazinha para ti?

Como se Estelle Taylor-Trent costumasse levar mulheres de 26 anos meio bonitas, meio desfiguradas, ao restaurante para jantar.

— Andem lá — disse Jake alegremente, — vamos aos dardos antes que chegue o adversário. Bem podíamos praticar um bocado.

Kate estava a detestar aquilo. Toda a gente fingia não olhar para ela. Elas já tinham pedido e ela estava agora ansiosa por fumar um cigarro, mas a sala de refeições era para não fumadores e ela não estava disposta a aventurar-se no bar e ser mirada mais de perto.

— Tens fome, querida? — Corajosamente a tentar fingir que não se passava nada, que aquela era apenas uma saída normal e feliz entre mãe e filha, Estelle tentava não deixar morrer a conversa.

— O novo cozinheiro é muito melhor do que o anterior. Eu e o pai comemos uma *bouillabaisse* fantástica da última vez que cá viemos.

Kate examinou ostensivamente o saleiro. Desesperada, a mãe olhou para as outras mesas.

— Oh, aqueles mexilhões estão com bom aspeto.

Como é que mexilhões podem ter bom *aspeto*? Pelas alminhas, mexilhões eram apenas um monte de conchas pretas luzidias.

— Querida, acredita, vai correr tudo bem — sussurrou Estelle. — Dá-lhes uns dias para se habituarem a ti e...

— Por favor, mãe, não me trates como a uma criança — bufou Kate. — Não vai *nada* correr tudo bem. Como pode, com o aspeto que eu tenho? Tive quase um ano para me habituar — continuou ela amargamente — e ainda não consegui.

— Mas, querida, são só umas cicatrizes! Não interessa o teu aspeto por fora, tu ainda és tu... oh, Kate, aonde vais? Querida, *volta para aqui*.

Capítulo 6

Não valia a pena, ela não conseguia fazer aquilo. Kate sentia-se horrivelmente presa, e levantou-se tão depressa que quase derrubou a cadeira. Tinha de sair dali antes que começasse a chorar. Porém, caminhar aos empurrões pelo bar apinhado – passar pelas equipas de dardos a prepararem-se para a partida – seria uma provação.

Kate viu um corredor para a direita e desviou abruptamente nessa direção. A casa de banho das senhoras era a da porta à esquerda. Fechou-se no cubículo com as mãos a tremer, deixou-se sentar na sanita tapada e respirou fundo várias vezes, com a cabeça para trás para que as lágrimas não corressem.

Felizmente, deu certo. Quando achou seguro pôr a cabeça direita, Kate abriu a malinha da Prada, tirou os cigarros e acendeu um. Estava reduzida àquilo; escondida na casa de banho, a fumar um Marlboro Lights, pavorosamente ciente de que no bar as pessoas se riam e falavam dela, e que não havia coisíssima nenhuma que ela pudesse fazer contra isso.

Toda a vida adorara ser o centro das atenções. Mas assim, não.

Kate exalou furiosamente e imaginou Maddy Harvey, a quem não via há oito anos. A mudança que se operara nela era espantosa; Maddy fora mesmo um patinho feio. Se Estelle não a mantivesse a par dos desenvolvimentos, nem a teria reconhecido. Porém, depois de saber com que contar, vira de imediato que a loura espevitada no bar era Maddy. E também ouvira a gargalhada, depois de ela e Estelle terem passado pelo bar. Depois de estarem sentadas à mesa, deu consigo a mirá-la disfarçadamente. Estar preparada para melhorias era uma coisa, mas aquela transformação era um choque. Maddy podia ter vestido apenas um colete e umas calças pretas, mas a cor realçava o cabelo louro-claro escadeado e o bronzeado dourado. A beber e a brincar com a equipa visitante, ela exalava um encanto simples e o tipo de autoconfiança descontraída que...

Raios me partam.

Kate encolheu-se instintivamente quando a maçaneta da porta come-

çou a rodar. Fixou os olhos nela, desejando que a intrusa desistisse e a deixasse em paz.

A maçaneta deixou de rodar, depois começou outra vez, aliada ao ranger da madeira quando alguém se encostou à porta. *Vai-te embora*, pensou Kate. Devia ser a mãe que tinha ido ver como ela estava. *Vai-te embora*.

— Está alguém? — Chamou uma voz que claramente não era de Estelle. — Está gente?

Kate deu uma passa puxada no Marlboro, pôs-se de pé, levantou a tampa de madeira e deitou a beata na sanita. Depois puxou o autoclismo.

— Ai, desculpe! — Dizia a voz. — Às vezes achamos que está gente e depois é a porta que emperrou.

Kate sentiu um arrepio na nuca. Seria a voz de Maddy? Kate virou-se para trás, olhou desesperada para a janelinha, a qual pouco maior era do que uma gateira. Podia-se lá meter um pão, mas uma mulher adulta? Nem pensar.

Fora apanhada. A única saída era pela porta. Entretanto, quanto mais pensava nisso, mais achava que a voz do outro lado era de Maddy Harvey.

Kate preparou-se e destrancou a porta.

E lá estava ela, encostada ao lavatório, ainda mais espampanante ao perto, os olhos verdes-esmeralda já livres dos óculos de marrona.

— O-olá — hesitou Maddy. — Desculpa lá da porta. Às vezes fica per-ra.

Kate chegou à segunda porta, aquela que a levaria ao corredor.

— E lamento pelo teu... hum, acidente — continuou Maddy, constrangida.

Cabra. Deves lamentar, deves.

— Pois — Kate fitou-a com um olhar escarninho. — Eu ouvi-te a rir.

Maddy encolheu-se como se lhe tivessem dado uma bofetada.

— Oh, mas não me estava a rir...

— De ti — insistiu Maddy junto de Jake e Juliet quando se juntou a eles.

— Eu ia dizer «Não me estava a rir de ti», mas ela bateu-me com a porta na cara! Credo, que horror, eu só queria ser educada. E depois quando saí da casa de banho, elas estavam a jantar, e ainda pensei em ir lá explicar, mas e se ela fizesse uma cena à frente de toda a gente e me atirasse uma tigela de mexilhões acima, ou coisa assim? — Maddy estremeceu. — Não consegui obrigar-me a lá ir, e agora ficou tudo pior do que estava.

— E depois? — Jake não estava nada ralado, como era típico da sua pessoa. — Não te deixes afetar por isso. Com ou sem cicatrizes, ela sempre foi uma cabra. Vá lá, temos de ir a jogo.

— E há aqui alguém de olho em ti. — Juliet deu uma cotovelada a Maddy. — Pode ser que te orientes.

Da última vez que tinham jogado contra a equipa do *Raposa Vermelha*, Maddy sentira-se atraída pelo capitão, um tipo alto e corpulento como um jogador de rãguebi, chamado Ed. Tinham namoriscado a noite toda, até o bar fechar e Ed confessar que adoraria sair com ela, mas que tinha namorada. Claro que isto ainda fora mais doce e mostrara que ele era fiel e de confiança, embora não fosse bem o que ela quisesse ouvir.

Maddy olhou para Ed, a lançar os dardos e a fingir que não sabia estar a ser observado.

— Ele já anda com alguém.

— Errado. Ele meteu-se comigo quando foste à casa de banho e perguntou se estavas livre. — Juliet fez um ar presumido. — Depois mencionou com casualidade que acabara com a namorada. Acho que fizeste mesmo uma conquista.

Maddy desejou poder sentir-se mais entusiástica. Da outra vez ficara mesmo encantada com Ed, mas as boas-novas já não a deixavam toda contente. Era como ver um belo par de Timberlands e não o poder comprar, e depois entrar numa loja, dois meses depois, com o dinheiro ganho no aniversário, aperceber-se de que já não havia vontade de o comprar e que, aliás, se preferia um par de botas de salto alto fantásticas.

Oh, Deus, estaria realmente a comparar Kerr McKinnon com um par de botas?

— Anda lá, estás tão longe. — Jake deu-lhe um empurrãozinho. — É a tua vez.

Escusado será dizer que perderam o jogo. Não por Maddy estar ab-sorta, mas porque perdiam sempre. Eram a pior equipa da liga, mas a vantagem era os adversários ficarem sempre encantados por jogar contra eles.

— Azar — disse Ed, e sentou-se ao balcão onde Maddy e Juliet estavam.

Ao ver o brilhinho nos olhos dele, Juliet deslizou do banco e murmurou:

— Volto já.

Para uma mulher solteira sem vida amorosa, Juliet era uma casamenteira incorrigível. Sempre que Maddy tentava que ela se interessasse por alguém, ela fazia má cara e dizia:

— É giro, mas não faz o meu tipo.

— Olá. — Agora que tinha o caminho livre, Ed perguntou, com casualidade: — Sabias que acabei com a minha namorada?

— Pois, sabia. Contaste à Juliet. Ela contou-me. Tenho muita pena — disse Maddy. — Deves estar muito em baixo.

Ele fez um ar ofendido.

— Não, não! *Eu* é que acabei com ela. Seja como for, o que é que fazes este fim de semana? Sexta ou sábado à noite, podíamos sair.

— Oh, que pena — disse Maddy com ar pesaroso. — Não posso. Tenho de tomar conta da minha sobrinha.

— As duas noites?

— As duas noites. Desculpa. — Ciente de Jake estar à escuta, rezou para que ele não lhe desse uma cotovelada nem dissesse, «É mentira».

Porém, Jake aguardou que Juliet voltasse da casa de banho e que Ed se tivesse retirado com a derrota para dizer:

— Juliet, apetece-te um fim de semana louco em Paris?

— Porquê?

— A Maddy vai tomar conta da Sophie na sexta e no sábado, de maneira que bem pode ficar com o Tiff também. Assim eu e tu ficamos livres de fazer o que bem nos apetececer – restaurantes da moda, copos em barda, *sexo fabuloso*...

— Obrigadinha — Juliet apertou-lhe o braço num gesto de consolo, — mas não fazes o meu tipo.

Atrás do balcão, a polir vigorosamente os copos, Nuala perguntou:

— Dizes sempre isso, mas quem é que faz o teu tipo? Quer dizer, como é que era o pai do Tiff?

Dado que Juliet passara os últimos cinco anos sem dizer água vai sobre o pai de Tiff, Maddy não ligou muito.

Tal como esperado, Juliet limitou-se a fazer o seu sorriso enigmático e encantador.

— Ah, esse fazia mesmo o meu tipo. Mas era casado.

— Inimigo à vista, inimigo à vista — murmurou Jake ao ouvido de Maddy. — Aproxima-se às três horas... preparem as armas...

Corada, Maddy viu que Kate e Estelle tinham terminado de jantar e passavam outra vez pelo bar.

— Ela não é minha inimiga.

— Ela pode não ser *tua* inimiga — sussurrou Jake, mauzinho — mas tu pareces ser inimiga dela.

Estelle passou primeiro e Kate a seguir, e esta lançou a Maddy um olhar desdenhoso.

Lindo. Maddy virou costas.

— Caraças — exclamou Nuala depois de elas passarem, — viram a cara dela?

A porta ainda não se fechara, e escancarou-se de rompante. Kate olhou ferozmente para Nuala e cuspiu:

— Pelo menos não sou *gorda*. — Saiu e bateu com a porta.

Visivelmente abalada, Nuala agarrou-se à torneira da Guinness para não cair.

— Não é justo! Ela interpretou *tudo* mal. Eu não me referia às cicatrizes da cara dela, mas sim à *cara* que ela fez! E agora chama-me gorda — queixou-se Nuala, ultrasensível quanto ao seu peso.

Maddy sentiu-se tão culpada como aliviada por aquilo ter acontecido a Nuala também, e disse:

— Bem-vinda ao clube.

Capítulo 7

Não sabia se cá voltarias — disse Kerr. — Vamos para o meu gabinete.
— Mas...

— A sério. — Ele tirou-lhe as geleiras e pousou-as ao lado do balcão da receção. — Temos de conversar.

Com o coração na boca, Maddy foi atrás dele corredor abaixo e entrou no gabinete. Reparou que a secretária dele estava juncada de papéis e três copos de café vazios. Não sendo propriamente arrumada, Maddy animava-se só de ver o caos de outrem. As pessoas superorganizadas faziam-na sentir-se nervosa e punham-na logo na defensiva.

— Café?

— Hum, não, obrigada.

— Está bem. — Ele calou-se, sentou-se em frente a ela na cadeira rotativa, pegou numa esferográfica e começou a tamborilar com ela na beira da secretária, provavelmente por não haver onde tamborilar na superfície. Maddy ficou ainda mais descansada com a esferográfica, pouca gente usava uma. Os gabinetes onde só se vissem computadores davam-lhe arrepios.

Kerr parecia agitado, o que não admirava dadas as circunstâncias. Para encetar a conversa, ela disse:

— Eu não era para voltar. Falei com a minha chefe sobre isso – chama-se Juliet – e ela disse que eu é que sabia, mas que não compreendia porque é que os teus empregados haveriam de ficar sem umas sandes maravilhosas por coisas de que não têm culpa nenhuma.

Kerr refletiu nisto e depois assentiu.

— Devíamos ter trazido as geleiras connosco. Devem estar a servir-se das melhores.

— Não faz mal, vais adorar a baguete de minhoca e agrião. — Maddy calou-se e entrelaçou os dedos; estava a brincar e não deveria. Não era apropriado. O nervoso miudinho estava a fazer-se sentir. Enfim, e quem é que ela queria enganar? Se não o achasse tão giro, nem sequer teria sonhado em voltar. Pôr as culpas em Juliet não passava de uma desculpa esfarrapada e ela devia ter vergonha.

A questão era: Kerr saberia disso?

Ele olhou para ela. — Não te queres sentar?

Aliviada, Maddy sentou-se.

— Os meus sentimentos pela tua irmã. — Kerr foi direto ao assunto. — Não passa um dia sem que eu me lembre do que aconteceu. Não censuro os teus pais por terem reagido daquela maneira. A propósito, como está a tua mãe?

— Está boa. Está ótima. — Estavam finalmente a conversar sobre aquilo; Maddy decidiu não chorar. — Não estaria ótima se soubesse que eu estava aqui, a falar contigo.

— Embora aquilo tenha acontecido há onze anos? E não tenha tido nada a ver comigo?

— Sessenta anos não chegariam, para a Marcella. Tu és um McKinnon e só isso importa. No que lhe diz respeito, vocês todos merecem desprezo.

Kerr assimilou esta afirmação.

— Mas eu nem sequer estava no país quando aconteceu. Estava nos Alpes franceses...

— Nunca ninguém pediu desculpa. — Maddy desabafou tudo. — Isso é que ela nunca conseguiu ultrapassar. A tua família morava a menos de cinco quilómetros. Pronto, não nos dávamos com as mesmas pessoas, mas conhecíamos-nos de vista. Depois deu-se o acidente e a tua família nem sequer teve a decência de pedir desculpa. Nem um bilhete, nem uma carta, nada. Como se nem sequer fôssemos dignos de um pedido de desculpas. Com isso é que a mãe nunca se conformou. Bem — emendou ela, — isso e... outra coisa que se disse.

Sentado muito quieto, Kerr McKinnon perguntou:

— E que foi?

— Parece que ouviram a tua mãe dizer à porta do tribunal que não era o mesmo se a April fosse normal.

Silêncio.

Por fim Kerr falou.

— Eu pedi desculpa.

Maddy abanou a cabeça. — Ninguém pediu. Por isso é que a Marcella ficou tão zangada.

— Pronto, escuta. Antes do julgamento, os advogados do meu irmão não se calavam em como nenhum de nós devia ter qualquer contacto com a tua família. Era a regra principal. Mas, depois do julgamento, depois de lerem a sentença do Den, eu *pedi* desculpa ao teu pai. — Pausa. — Ou, pelo menos, tentei. Ele não me quis ouvir. Fui a vossa casa uma manhã, quando sabia que tu e o teu irmão estariam na escola. Também queria falar com a Marcella, mas ela não estava lá. Fiz o que pude para dizer ao teu pai o quan-

to lamentávamos todos, mas ele não me deixou falar. Em suma, disse-me que lhe saísse da frente e que nunca mais me aproximasse dele nem da família dele. Achei que me ia dar um soco. Eu tinha lá ido para compor as coisas e só as consegui piorar. De modo que fiz o que ele mandava e vim-me embora. — A abanar a cabeça, Kerr continuou: — E ele nunca contou a ninguém que eu lá fui.

— Nunca. Nem uma palavra. — Maddy pensou se estaria a ser crédula. Será que Kerr McKinnon lhe estava a cantar o fado choradinho?

Ao ver a expressão dela, ele perguntou frontalmente:

— Não acreditas? É a verdade. Pergunta ao teu pai.

Maddy fitou-o. — Não posso.

— Ouve, foi há onze anos. Não estou à espera que ele me perdoe por ser um McKinnon, mas ele podia ao menos admitir que fui a vossa casa e fiz o que podia para pedir desculpa do sucedido.

— Não pode — disse Maddy. — Já morreu.

Agora era a vez de Kerr ficar desanimado.

— Credo. Desculpa. Não sabia.

— Evidentemente.

— Quando foi isso?

— Há seis anos. Teve um ataque cardíaco. — Maddy pestanejou com força. — Só tinha quarenta e quatro anos. Sei lá, a vida por vezes parece muito injusta, não parece? Não tivemos aviso algum. Coitada da Marcella, como se não tivesse já aguentado tanta coisa.

— Não foi só a Marcella — disse Kerr amavelmente.

— Ela é espantosa. Não sei como consegue. Temos tanta sorte com ela.

— Ela tem sorte contigo.

Maddy engoliu o nó que tinha na garganta; era só o que faltava, que tivessem pena dela.

— Seja como for, a mãe agora está ótima. Há três anos começou a namorar com um tipo novo que acabara de chegar à vila. Chama-se Vincenzo d'Agostini, é carpinteiro e nós gostamos mesmo dele. Moram na casa dele, em Holly Hill e, como ele só tem trinta e oito anos, chamamos-lhe o brinquito dela. Estamos sempre a mandar bocas sobre casamento, mas a mãe diz que é mais giro viver em pecado.

Pela primeira vez naquela manhã, Kerr sorriu.

— Que bom para eles. Ainda bem que ela está feliz. E o teu irmão, onde mora ele agora?

Maddy começou a descontrair-se. — Ah, ainda em Ashcombe. O Jake tem uma filha com sete anos...

— Meu Deus. *Sete?*

— Sim, bom, não é que tenha sido planeada. Ele e a Nadine tinham

dezassete anos. Ela não queria a bebé, mas a Marcella convenceu-a a levar a gravidez até ao fim. Aliás, pagou-lhe para ela não abortar. Depois de a Sophie nascer, a Nadine entregou-a ao Jake e foi-se embora. O Jake ficou com a custódia integral. A mãe ajuda, claro, mas ele é excelente com ela. Para ser sincera, não achei que ele conseguisse, contava que ele se aborrecesse ao fim de uns meses, como se aborreceu com o Lego da estação espacial quando tinha oito anos. Já passaram sete e ele ainda não se aborreceu.

— E tu também estás em Ashcombe. Onde?

— Com o Jake e a Sophie. Ainda estamos na casa antiga. A Marcella foi a única que se mudou.

— Snow Cottage — disse Kerr, pois lembrava-se do nome.

— Nós três — disse Maddy com um sorriso torto. — Não será o conjunto mais convencional que existe, mas a nossa família nunca primou pela sensoria. Enfim, para nós corre bem. Estamos felizes.

— Ótimo — disse Kerr, e parecia que era sentido.

— E tu? A tua família, quero dizer. — Sentiu-se obrigada a perguntar, mas também tinha curiosidade. A seguir ao julgamento, Den fora para a prisão. Kerr voltara para concluir a licenciatura, e depois arranjava emprego em Londres. Entretanto, a mãe deles, Pauline, isolara-se na casa da família, a meio caminho entre Ashcombe e Bath. Dizia-se que Pauline McKinnon se tornara numa reclusa excêntrica – embora Maddy achasse curioso, sendo ela reclusa, como se saberia que também era excêntrica.

— A minha família? — Kerr suspirou. — Não se safou tão bem quanto a tua, parece-me. Quando o Den saiu da prisão, foi viver para a Austrália. Não era feliz, não assentava, andava de emprego em emprego e de mulher em mulher... perdemos o contacto há mais de cinco anos. Não faço ideia de onde ele esteja agora, nem do que faça. Quanto à minha mãe, bom, é alcoólica crónica, incapaz de cuidar de si própria. Ao longo dos anos, já deve ter tido uma dúzia de governantas acompanhantes, mas elas nunca ficam mais de uns meses. No último Natal tive de a levar para um lar. Por isso é que me mudei para Bath. Vou ter de vender a casa para pagar as mensalidades do lar. Segundo os médicos, ela nem devia estar viva, mas parece que é forte como um touro. — Pausa. — Escusado será dizer que também não é feliz. Talvez a tua mãe fique contente por saber.

Ato contínuo, Maddy abriu a boca para defender Marcella, mas tornou a fechá-la. Ele devia ter razão. Pronto, a bem dizer, ele tinha razão. Quantas vezes Marcella declarara veementemente desejar que os McKinnons ardessem no Inferno?

Ao passo que aquilo era, na verdade, triste, *muito* triste. Pauline McKinnon passara as estopinhas e acabara entregue ao álcool. Também ela ficara viúva com os filhos ainda pequenos, perdera o marido, um arquiteto

escocês, de hemorragia cerebral. E agora teria de vender a casa para pagar as mensalidades do lar. Não tinha culpa do que acontecera. O acidente fora uma tragédia que afetara mais do que uma família. E Kerr – Maddy agora acreditava mesmo nele – *tentara* pedir desculpas ao pai dela...

— É melhor ir andando. — Maddy pôs-se de pé, pois apercebera-se de que estavam há séculos ali fechados no gabinete dele, a contarem histórias de família. — Os outros clientes vão ficar aborrecidos.

— Mas vais continuar a vir cá — disse Kerr. Ao vê-la hesitar, acrescentou: — Nem sempre estou cá. Vou a Londres muitas vezes tratar com clientes.

Aquilo era para ser um incentivo? Maddy assentiu, já a sentir-se estranhamente abandonada só de pensar em não o ver quando ele estivesse em Londres.

— Vou continuar a vir cá.

Outro vislumbre de sorriso.

— Quando eu voltar, talvez possamos ir jantar uma noite. Se quiseres.

Ele observava-a, a avaliar a reação dela. Maddy ficou a pensar se ele faria a mais pálida ideia do que ela sentia naquele momento.

Se quiseres.

Oh, ela queria pois. Mas querer uma coisa e fazê-la mesmo eram duas coisas completamente diferentes. Imaginou a reação de Marcella quando descobrisse que ela tivera uma conversa civilizada com um McKinnon, quanto mais uma saída para jantar.

Pode dizer-se que a Snow Cottage ficaria sem telhado.

— Obrigada. — Maddy hesitou. — Mas isso pode ser algo...

Kerr levantou as mãos num gesto de aceitação.

— Pronto. Eu sei. Desculpa, não devia ter dito nada. Ah, antes de ires, há outra coisa que me tem feito espécie.

Lindo. Coisa embaraçosa, espera-se.

— O que é?

— No sábado à noite não me reconheceste, mas na segunda de manhã sim. Quer dizer, eu sei que estava escuro no jardim, mas não estava assim tão escuro.

Ufa. Era apenas meio embaraçosa, que alívio.

— Vaidade — respondeu Maddy. — Tinha perdido uma lente de contacto e não queria usar óculos.

— E agora tens? Lentes de contacto? Mas não dá para ver nada — disse Kerr, pasmado, e aproximou-se.

— Aliás, é essa a ideia. — Maddy inclinou a cabeça para trás, deixando-o ver-lhe os olhos. Lá estava aquele *aftershave*, e o esvoaçar flagrante na boca do estômago dela. Pronto, dez segundos deviam bastar...

Maddy olhou para ele e viu que Kerr não estivera nada a ver-lhe as lentes. Ele estava a olhar para ela. Quando se fitaram, as asinhas dos colibris dentro do estômago dela bateram mais depressa. Será que ele ia beijá-la? Ele queria, isso de certeza. E ela queria, e ele sabia que ela queria...

Maddy descobriu que era fácil quebrar o encanto. Bastava imaginar Marcella a entrar de rompante no gabinete.

Maddy deu um passo atrás e lançou a Kerr McKinnon um olhar de censura.

— Desculpa. — Com um sorriso de pena, ele passou os dedos pelo cabelo e abanou a cabeça. — Truque reles.

— Muito reles.

— Não pude evitar.

— Basta imaginares a minha mãe de pistola apontada.

— Certo. Isso ajuda muito. Obrigadinho.

— De nada — disse Maddy, e saiu do gabinete; apercebeu-se de que tinham feito outra vez a mesma coisa. Fazer piadas com coisas que não tinham realmente graça nenhuma.

Capítulo 8

Quinta-feira, meio-dia e Kate ainda estava deitada, aninhada no edredão porque, sinceramente, para quê levantar-se?

Porém, não estava a dormir, o que não admirava nada, com o barulho que faziam no andar de baixo. A mãe tinha visitas, pois ouvia-se risos, portas a bater e saltos altos no chão de parkê do corredor.

Por fim, ouviu Estelle a subir a escada e a dizer qualquer coisa abafada.

Kate resmungou, virou-se de costas e fez uma careta quando o sol que se derramava pela janela lhe chegou aos olhos. Ora, era escusado tentar ignorar a mãe; quando ela queria uma reação, era tão persistente quanto o Jeremy Paxman.

Quando a porta do quarto se escancarou, Kate perguntou em voz cansada:

— Tens uma quê?

— Uma surpresa! Querida, anda lá, veste qualquer coisa e desce à cozinha. Vais adorar, juro.

Kate tinha as suas dúvidas.

— Quem é que está lá em baixo? — Conseguira evitar Marcella Harvey aquele tempo todo, com o simples expediente de ficar na cama até ao meio da tarde.

— Ninguém.

— Ouvi barulho. E vozes.

Com um ar intrigante de tão presumido, Estelle retrucou:

— Ah, era a Bárbara Kendall. Já se foi embora. Anda lá, querida, estou ansiosa por te mostrar!

Sempre a rabujar, Kate saiu da cama e vestiu t-shirt e calças de fato de treino cinzentas. Pelo menos com a casa vazia não tinha de se ralar com a maquilhagem.

Triunfante, a mãe escancarou a porta da cozinha. Confrontada não apenas com uma mas sim duas coisas indesejadas, Kate deu um passo atrás e perguntou:

— Oh, francamente, o que é *aquilo*?

A coisa que corria para ela era castanha-escura, arquejava e tinha peso a mais. As patas raspavam o chão de mosaico e a cauda curta – tipo metade de uma salsicha velha – abanava de excitação. Sentada numa das cadeiras da cozinha, a agarrar a trela, estava a mãe de Maddy Harvey.

— Não é uma maravilha? — Exclamou Estelle. — Chama-se *Norris*!

Um buldogue chamado *Norris*.

— Que nojo — declarou Kate. — E achei que tinhas dito que não estava cá ninguém. — Evitou olhar para Marcella quando falou, mas tinha plena consciência do sol que lhe batia no rosto livre de pinturas.

— Querida, referia-me ao facto de a Bárbara já cá não estar. A Marcella não é visita, é da família.

Família, pois. Kate mordeu a língua; confirmava-se que a mãe estava a ficar maluquinha.

— Olá, Kate, há quanto tempo — disse Marcella, descontraidamente. Levantou-se da cadeira e continuou:

— Agora, deixa-me cá olhar bem para ti, para pormos os constrangimentos para trás das costas, sim?

— Boa ideia — disse Estelle. — Eu levo o *Norris*, está bem?

Leva o Norris e afoga-o num balde cheio de água, de preferência, pensou Kate, que mal podia crer que estava ali como uma estátua numa porcaria de uma galeria de arte, a deixar que Marcella Harvey andasse ali a estudar-lhe a cara de todos os ângulos. Era inconcebível que Estelle pensasse ser boa ideia. A mulher estava ali para lhes limpar a casa, pelas alminhas.

— Bom — disse Marcella finalmente, — não fugi da cozinha para fora. São só algumas cicatrizes, no fim de contas.

Só algumas cicatrizes. Kate queria bater-lhe.

— Tiveste sorte em não perder este olho — observou Marcella. Ao ver a expressão rebelde de Kate, ela sorriu e disse:

— Pronto, eu sei, com a desgraça dos outros podemos nós bem, mas só quero dizer que isto não muda nada quem tu és.

Claro que muda, sua bruxa velha e estúpida, muda tudo.

— Desde que tu não deixes, não muda — continuou Marcella — e seria uma pena se deixasses. Ainda és uma rapariga bonita, sabes. — Kate encolheu-se quando Marcella lhe tocou no rosto, primeiro de um lado e depois do outro.

— Quem não conseguir ver isso não vale a pena.

Abismada, Kate percebeu que estava quase a chorar; os dedos suaves e o tom informal de Marcella tinham-na tocado. Ela só dizia disparates, claro, mas pelo menos era diferente da pena do costume.

Será que Maddy contara a Marcella do incidente no *pub*? Não. A le-

aldade de Marcella para com a própria família era lendária. Kate deu a si mesma um abanão mental e perguntou:

— Então o que está o cão aqui a fazer?

— É da Bárbara — explicou Estelle, orgulhosa. — Ligou-me ontem, numa pilha de nervos. Eles partem para a Austrália daqui a uns dias e tinham tudo tratado para que uma vizinha lhes ficasse com o *Norris*, mas a vizinha partiu a bacia e os canis estão todos cheios, e eu não vi razão para não me oferecer para ficarmos com ele.

Kate via várias razões, uma delas que *Norris* era diabolicamente feio, parecia um porco gordo e – pelos vistos – era campeão de baba e ranho. Se houvesse escassez de saliva no país, elas poderiam doar *Norris* à causa.

— São só seis semanas — continuou Estelle a tagarelar — e ele é amoroso, parece um bonequinho. Vais poder levá-lo a passear muitas vezes, querida... vai fazer muito bem aos dois. Para ser sincera, a Bárbara estraga-o com mimos e ele não faz exercício quase nenhum. Achei que o podíamos pôr de dieta enquanto cá estiver, e estabelecer um plano de exercício...

— Eu não preciso de perder peso. — Kate ficara magoada com o comentário da mãe em como aquilo lhe iria fazer bem.

— Querida, eu sei que não. Mas não podes passar a vida na cama, tens de apanhar ar, e passear o *Norris* é uma bela maneira de conhecer pessoas.

— Não quero conhecer ninguém.

— Mas tens de conhecer! Querida, tens vinte e seis anos — suplicou Estelle, — não te podes esconder como uma eremita. Seja como for, a ideia foi da Marcella, e eu acho que ela tem toda a razão. Desde que eles têm a *Bean* que não imaginam a vida sem ela. E o *Norris* já cá está, não o podemos pôr na rua, pois não? — Estelle curvou-se, agarrou no focinho lúgubre de *Norris* com as duas mãos e papagueou: — Hum? Claro que não podemos fazer isso, porque tu és lindo, não és?

O mundo enlouquecera. A mãe nunca tivera o mais ínfimo gosto por cães, e ali estava ela, a espojar-se no chão e a fazer vozinhas parvas como se tivesse acabado de ter bebé.

Seria isto o que acontecia quando se chegava à menopausa?

— Bem, é melhor atacar aquelas janelas — disse Marcella.

Já não era sem tempo. Porém, Kate não pôde deixar de observar Marcella disfarçadamente, quando esta foi à despensa, pegou num balde amarelo e começou a enchê-lo com água e um esguicho de Fairy. Tinha vestidas umas calças de algodão curtas, verde-lima, uma camisa cor de framboesa com um nó na cintura, e havaianas cor de laranja. A cor dela era da cor dos Maltesers, o cabelo preto amarrado com um elástico cor-de-rosa brilhante. Marcella já devia ter quarenta e picos, mas tinha um corpo invejável. Quando agitou vigorosamente o detergente dentro de água, o traseiro abanou-lhe

como o de uma mulher de vinte e cinco anos. E tinha uma cinturinha de vespa também. Ao contrário de Estelle, a qual se relaxara ultimamente e bem podia perder uns quilos.

— Não bebas isso, bicho tonto — Marcella ralhou brandamente com *Norris*, o qual metia o focinho no balde e resfolegava com o interesse. Havia outra coisa em Marcella: tinha uma voz cativante, quente e rouca, em que se adivinhava um sotaque de Newcastle a indicar que fora criada em Tyneside.

— Tem sede. Vou arranjar-lhe uma gamela de água — disse Estelle. — E vamos precisar de latas de comida para ele. Querida, porque não tomas um duche e te vestes, para poderes ir à loja buscar?

Kate suspirou; aquela palhaçada toda era apenas uma conspiração para a fazer sair de casa.

— Tu não podes lá ir?

— Tenho de segurar no escadote para a Marcella lavar lá em cima. Se não ela pode cair. — Estelle sorriu. — E depois quem é que lava as janelas?

Depois de lançar um olhar de ódio a *Norris*, Kate avançou para a porta.

— Aliás, podes fazer-me um favor? — Pediu Marcella. — Quando vires o Jake, diz-lhe que tire as costeletas do congelador. Se ele as puser numa travessa, descongelam em poucas horas. E lembra-o de que a Sophie tem de estar no salão da vila às cinco para a festa de anos da Charlotte.

O dia ia de mal a pior. Kate cerrou os dentes; era só o que lhe faltava, ser obrigada a falar com o irmão de Maddy Harvey. Com mal disfarçada irritação, retrucou:

— Porque não lhe telefonas?

— Porque para ires à loja tens de passar pela oficina do Jake. Está sol, de maneira que ele deve estar cá fora. Seja como for — rematou Marcella com um sorriso encantador, — para quê aumentar a conta telefónica dos teus pais sem necessidade?

Oh, vai à fava, pensou Kate, quase a mandá-la mesmo à fava. *O meu pai é multimilionário, uma chamada custa menos de dez pence, o que estás para aí a dizer, mulher?*

Porém, Marcella, armada com o seu balde cheio e catrefa de acessórios para limpeza de janelas, já saíra da cozinha.

Claro que o mais certo era Marcella ter feito tudo de propósito.

Isto ocorreu a Kate quando descia a Gypsy Lane com *Norris* nos calcanhares. Já era uma da tarde; tomar duche, lavar a cabeça, vestir-se e depois aplicar cuidadosamente pintura suficiente para diminuir o horror do lado marcado do seu rosto, demorara tudo cinquenta minutos. A ironia daquele ritual não lhe escapava, outrora ela fora uma rapariga extraordinariamente atraente e a maquilhagem tornara-a espampanante. Na atualidade, era o

instrumento necessário para impedir que as criancinhas gritassem de susto quando a viam.

Desde que não derretesse tudo com aquele calor.

Com pensamentos tenebrosos sobre Marcella, Kate fez a curva e deparou com as flores da berma oposta, uma profusão súbita de papoilas, crissântemos dos prados e roseiras bravas que assinalavam o sítio onde April Harvey fora atropelada. Fora Marcella quem as plantara, pouco depois do acidente. De cada vez que passava ali em direção a Dauncey House, via-as e recordava-se mais uma vez da morte de April.

Embora, com ou sem flores, fosse pouco provável que ela se esquecesse.

Kate parou para contemplar as flores, e recordar-se de April, com o seu andar esquisito, fala arrastada e sorriso torto. Para vergonha sua, recordou-se também da maneira como ela e as suas amigas de Ridgelow Hall haviam escarnecido de April sempre que a viam, imitando-lhe os gestos e a maneira cômica de falar. Pelo menos faziam-no quando a família de April não estava por perto. Qualquer pessoa que fosse apanhada a gozar com ela teria sido repreendida, rápida e eficientemente, por Maddy ou por Jake.

Era profundamente embaraçoso recordar agora, mas ela era apenas uma miúda na altura. Gozar com as pessoas por não serem perfeitas era o que as crianças faziam. Nunca lhe ocorrera que, um dia, poderia ela própria não ser perfeita.

Aborrecido com a espera, *Norris* puxou pela trela. Devagar, Kate foi descendo a azinhaga. Quando fizeram a última curva, onde *Gypsy Lane* desembocava na *Main Street*, ela viu a *Snow Cottage* à direita e, além dela, a fila de lojinhas de artesanato e galerias recuadas da estrada, onde os artistas que trabalhavam metais e barros e outros materiais produziam e expunham as suas obras aos turistas.

E lá estava Jake Harvey, tal como Marcella previra, sentado à porta da sua loja, a conversar animadamente com uma velha, enquanto ela examinava um dos caixões que ele fazia.

Em tronco nu e de calças brancas, Jake parecia saído de um anúncio da Coca-Cola. Muito bronzeado, musculado, com o cabelo comprido manchado pelo sol em imensos tons louros, tinha sido o arquétipo do mau rapaz na escola, aquele com quem a nossa mãe nunca queria que nos metêssemos. Não que Kate alguma vez se sentisse tentada; em adolescente, ela e as amigas passavam o tempo atrás de rapazes das escolas privadas chamados *Henry* e *Tristram*.

Com relutância, aproximou-se da oficina, ciente de que tinha o estômago aos saltos com a expectativa. *Credo*, tanta coisa por causa de dez *pence*.

Capítulo 9

— É perfeito — dizia a velhota enquanto passava a mão nodosa pela superfície brilhante cor de carmim do caixão. Alertada pelo ruído de passos — e possivelmente pela respiração de *Norris*, parecida com a de um lutador de *sumo* —, ela virou-se e cumprimentou Kate com um sorriso alegre.

— Olá, querida, venha cá, já viu o belíssimo trabalho que este jovem fez?

Pelo menos concentrar-se no caixão servia para não ter de encarar Jake Harvey. Kate estudou a fotografia de uma morena de pernas compridas e meio levantadas, presumivelmente a dançar o *can-can*. Franziu o sobrolho e tentou descortinar o significado.

— Sou eu — disse a mulher com orgulho. — Fui bailarina no *Moulin Rouge*. Tinha dezanove anos quando esta fotografia foi tirada. Foi onde conheci o meu marido. Tempos felizes.

Intrigada, Kate olhou mais de perto para a tampa do caixão, a pensar como teria sido conseguido o efeito.

— Manda-se ampliar a fotografia original — disse Jake, como se lhe lesse o pensamento — e recorta-se a figura que se pretende usar. Depois mergulha-se numa solução para decalque da imagem, coloca-se a cópia virada para baixo em cima da tampa e esfrega-se com um pano. Quando se tira o papel, a fotografia fica colada à tampa. Bastam duas camadas de verniz e já está.

— É lindo — disse Kate à mulher, com o cuidado de manter o lado esquerdo do rosto oculto.

— Pois é, estou ansiosa por entrar lá para dentro! — Os olhos brilhavam de malícia, e ela continuou: — E vai deixar os meus filhos loucos da vida.

— Porquê?

— Ah! Se os conhecesse, nem precisava de perguntar. Tenho três — disse a mulher, e contou-os com dedos carregados de anéis cintilantes. — Um é gerente bancário, outro é deputado *tory* e a terceira é esposa e mãe perfeita e mora em Surrey. Não sei onde é que errei. Eles têm muitíssima

vergonha de mim. Sou a maldição da vida deles, coitadinhos. Enfim, não se pode ganhar sempre, parece-me. Jake, não se importa de o meter na carrinha? Quero exibi-lo aos meus amigos.

Jake meteu facilmente o caixão no porta-bagagens do Land Rover enlameado da velhota. Ela esticou-se em bicos dos pés, deu-lhe dois beijos nas faces, que deixaram marcas de batom vermelho, saltou para o lugar do condutor e, a buzinar e a acenar, acelerou dali para fora.

Norris, por esta altura, já estava esparramado no chão poeirento, a respirar tranquilamente ao sol como um bêbedo.

— Negócios ou prazer? — Perguntou Jake.

— Desculpa?

— Vieste comprar um caixão?

Kate reprimiu uma tremura. — Não.

Ele fez um sorriso breve. — Prazer, então.

Difícilmente. — Também não é isso. A tua mãe pediu-me que te dissesse para tirares as costeletas do congelador.

Jake riu-se. — Parece uma daquelas mensagens em código. Tu dizes, «Tirar as costeletas do congelador», eu faço um aceno de cabeça e digo, «As costeletas ficam ótimas com molho de hortelã-pimenta». Tens a certeza de que não és agente secreta?

Ela não estava à espera de que ele fosse tão normal, amigável até. Rigidamente, Kate respondeu:

— E também disse que não te esquecesses da festa da Sophie.

— Ah, pois, a festa. — Ainda a assentir como se fosse espião, Jake disse: — Àz cinco horraz, no zalão da ffila. É quando comezza a fezzta. Ezztá tudo contrrrolado – oh caraças, não está nada. — Olhou para Kate e depois para *Norris*, com ar intrigado.

— De onde veio o cão?

— É de uma amiga da minha mãe, estamos a tomar conta dele. São só umas semanas. Aliás, foi ideia da *tua* mãe — disse Kate.

— Nem me digas nada. — Jake semicerrou os olhos verdes-amarelados, divertido. — As ideias são a especialidade da minha mãe.

— Ela achou que um cão me faria sair de casa.

— E cá estás tu, ela tinha razão. Por acaso estás a caminho da loja?

— Estou. — Kate mirou-o, à cautela. — Porquê?

— A fezzta é àz zzinco horraz. Tenho a prrenda, mazz não tenho papel de embrulho.

— Está bem — Kate suspirou; seria aquilo o futuro dela, ser uma espécie de lacaio? Abanou a trela de *Norris* e ele abriu um olho turvo.

— *Norris*, anda lá, *levanta-te*.

— Deixa-o comigo — disse Jake, descontraído. — Senão terias de o

amarrar à porta da loja. — Pegou na ponta da trela, passou-a por cima do portão e tirou uma libra do bolso das calças.

— Toma lá. Aliás, ele vai ficar refém para tu não fugires com o dinheiro. Traz-me o papel de embrulho e eu devolvo-te o cão.

— Partes do princípio de que o quero de volta — observou Kate.

— E mais uma coisa. — Jake teve de a chamar, pois ela já descia a Main Street.

Ela virou-se. — O que é?

— O papel de embrulho. Nada de Barbies. Nada de corr-de-rosa.

A loja da vila, uma espécie de supermercado ao estilo máquina do tempo, era propriedade de uma solteirona tagarela chamada Theresa que fazia negócio há quarenta anos e que sabia tudo o que se passava em Ashcombe. Kate não conseguiu sair de lá tão depressa quanto desejava.

— Olá, amor, ouvi dizer que tinhas voltado, olha só para a tua carinha, não é? Que pena, o que é que havia de acontecer, mas a América é assim, não é, toda a gente conduz que nem doida, tudo cheio de pressa, eu vi na TV, estou sempre a dizer mais vale perder um minuto na vida do que a vida num minuto... Para que queres tu comida de cão? — Mirou o cesto de Kate, como se desconfiasse que as latas de Pedigree Pal fossem o almoço. — Tu não tens cão.

Regista lá e para de tagarelar, metediça.

Kate fez um sorriso átono e perguntou-se qual seria a reação de Theresa se ela dissesse mesmo as palavras em vez de as pensar apenas.

— Estamos a tomar conta do cão de uma amiga. E vou levar uma folha desse papel de embrulho. Do azul-escuro.

— Azul? Não são os anos do teu pai, pois não? Mas se forem, temos umas belas caixas de lenços, ou talvez ele goste mais de...

— Não são os anos dele — interrompeu Kate.

— Bem me parecia. — Theresa parecia aliviada por lhe terem dado razão. — Ele é de janeiro, não é? Coitados dos teus pais, deve ter sido um choque para eles verem-te com a cara assim e...

— Quanto é que devo? — Perguntou Kate.

— Entraste e saíste da Theresa em menos de vinte minutos. — Jake abanou a cabeça num gesto de admiração.

— É melhor ligar ao Guinness.

— Mas que bruxa velha. Estava desejosa de saber para quem era o papel de embrulho. — Kate sentiu-se mais bem-disposta, como o Sol que sai de trás das nuvens. Da última vez que estivera perto de Jake, ele era só o irmãozinho irritante de Maddy Harvey, um pau de virar tripas com dez anos e cheio de arranhões, com uma inestimável coleção de minhocas

secas. Agora, todo crescido, ele estava... bem, todo crescido. Para alguma rapariga da vila era inegável que ele seria um bom partido.

— Estás-me a olhar para o peito? — Perguntou Jake.

— Não!

— Ah. Estava a ver. Aliás, podias ajudar-me com o embrulho, se não te importas.

Kate foi atrás dele, rumo à penumbra fresca da oficina. Intrigada, perguntou:

— Uma *pistola*?

— Não faças um ar tão chocado, não é a sério. — Jake espalhou a folha de papel azul-cobalto na bancada de trabalho e pegou na pistola de imitação. — Dispara balas de batata. Toma, podes começar com a fita-cola.

— Achei que a festa de anos era de uma rapariga.

— E é, mas a Sophie escolheu isto. Ela já tem uma, e assim já pode fazer tiroteios com a Charlotte. Ou matarem as Barbies uma da outra. A Sophie acha que as bonecas são umas fracas — explicou Jake. — Quer ser mulher-polícia quando for grande. A semana passada apanhei-a e ao Tiff de secador de cabelo apontado para os carros que passavam. Quando perguntei o que estavam a fazer, ela respondeu, «Somos um radar oculto».

Juntos conseguiram embrulhar a pistola das batatas, embora o resultado tenha sido uma prenda mais bem embalada do que bonita.

— É melhor ir andando — disse Kate.

— Antes que comecem as buscas. — Jake pegou no retângulo de papel que sobrara. — Achas melhor embrulhar uma batata também?

Estava a brincar. Kate apercebeu-se de que teria de dizer alguma coisa, e tartamudeou:

— Olha, obrigada por... sabes... falares comigo. Seres... hum, normal.

— Não foi nada. — Jake estava claramente a divertir-se. — Eu até sou uma pessoa muito normal. Aliás, sou um rapaz muito bem-mandado.

— Mandado?

— Pela Marcella, ao menos. De outro modo, a vida não valeria a pena. A suspeita subiu pela pele de Kate como formigas.

— Queres dizer...?

A sorrir, Jake disse:

— Ela disse-me que fosse simpático contigo.

— Quando? — Kate quase nem conseguia falar.

— Dois minutos antes de chegares cá, parece-me. — Deu uma palmadinha no telefone em cima da bancada. — Ouve, não faz mal.

— Faz mal, sim. É uma humilhação. Eu não preciso que sejam condescendentes...

— Não fiques toda eriçada. — Os olhos verdes de Jake nesta altura já brilhavam de riso. — Eu ia ser simpático contigo de qualquer maneira.

Mas é claro que ele diria isso, não é? Por brevíssimos minutos, apercebeu-se Kate, ficara magicamente bem-disposta e quase se esquecera das cicatrizes.

Agora ficara tudo estragado.

Nuala Stratton, tendo-se escapulado das suas obrigações no bar por cinco minutos, observava a conversa entre Jake e Kate, com um misto de curiosidade e indignação. Da janela do quarto por cima do *pub*, via muito bem a oficina. Ela sabia, claro, que Jake estava sempre a meter-se com as mulheres e que as sabia fazer sentir especiais, mesmo quando não fazia mais do que pedir um copo de Guinness e um pacote de batatas fritas, mas por que raio estaria a fazer charme com Kate Taylor-Trent?

Maddy passar-se-ia quando soubesse.

Nuala encolheu a barriga – coisa que fazia sempre, quase por instinto, quando olhava para Jake – e viu-o avançar para o buldogue, soltar a trela da vedação e convencer o obeso animal a pôr-se de pé. Depois disse mais qualquer coisa a Kate, passou-lhe o cão e apertou-lhe o antebraço num gesto de conforto.

Mas que traidor. Lá se ia a lealdade familiar. Mas será que Jake não percebia que há pessoas que não merecem que lhes sorriam daquela maneira?

— Nuala? — Era a voz de Dexter, a berrar do fundo das escadas. — Despacha-te, mas é, sim? Se tiveres adormecido aí em cima, estás despedida.

Não era que ela tivesse ciúmes da atenção que Jake estava a dar a Kate. Não eram bem ciúmes. Ela tinha Dexter – ela e Dexter *viviam* juntos – e não queria mais ninguém. Simplesmente, era possível ser perfeitamente feliz com um homem e, ainda assim, ter uma paixoneta de adolescente por outro. Se tivessem de ser sinceras, provavelmente todas as mulheres que conheciam Jake tinham um fraquinho por ele. Devia ser muito estranho estar na pele de Maddy, ter um irmão como Jake e não gostar dele em segredo.

— *Nuala!* Põe esse rabo cá em baixo imediatamente!

À pressa, Nuala deu um pontapé nos sapatos de salto alto azul-turquesa para debaixo da cama e calçou algo muito menos exótico mas mais confortável, de salto baixo. Ela tinha Dexter e estava contente com Dexter, mas ele gostava mesmo de a ver bem arranjada e, sendo homem, não fazia ideia das dores que sapatos com saltos de dez centímetros fazem. Ela nunca seria coelhinha da Playboy, sabe Deus. Duas horas de dores lancinantes eram o máximo que ela conseguia num só turno. Naquela noite ela calçaria os azuis-turquesa outra vez, mas por agora os sapatos de camurça e salto

baixo teriam de servir. Dando uma olhadela rápida ao espelho do roupeiro para ver se o cabelo arruivado não estava despenteado, se a blusa de cor creme ainda estava livre de manchas e se a saia cor de caramelo não lhe fazia o rabo grande, Nuala exalou de desapontamento. Chumbara nos três critérios, e a mancha de cerveja ficava logo por cima do peito esquerdo. Escovou o cabelo à pressa, passou mais uma camada de batom cor de caramelo brilhante e apertou mais um furo ao cinto.

Dexter não era bem uma pessoa fácil de se levar. Ela adorava-o, mas era inegável que ele dava um trabalhão. Volátil e impaciente, daria cartas a Basil Fawlty no que toca a temperamentos difíceis.² Viver e trabalhar com Dexter era como estar perto de mais de um pirómano com uma caixa de fogo-de-artifício – a qualquer momento podia rebentar tudo.

— Precisamos de mais uma grade de Coca-Cola da adega — disse Dexter quando Nuala lá chegou. Olhou-a de alto a baixo e deteve-se nos pés. — Calçaste os sapatos da avó, estou a ver.

Ele queria que ela fosse um misto de Liz Hurley, Rita Hayworth e Jessica Rabbit. O único consolo de Nuala era saber que, com a calvície galopante, a pança crescente e as bocas rabugentas, a Liz Hurley não olharia duas vezes para Dexter.

Além disso, não era que ele a insultasse só a ela – toda a gente servia. E ele era muito mais simpático em privado, quando ficavam os dois sozinhos. Revirar os olhos com ar desesperado e gozar com os defeitos dela era a maneira dele de entreter os clientes; ela sabia que, no fundo, ele não o fazia de propósito.

— Doíam-me os pés. São estes ou os chinelos felpudos — disse Nuala.

— Deus nos livre — rugiu Dexter, para o público. — Qualquer dia aparece de bata vestida. — Dexter abanou a cabeça com ar de desagrado e disse-lhe: — És mesmo desmazelada.

Nuala sorriu; sabia que não era desmazelada.

— Acabei de ver o Jake a conversar com a Kate Taylor-Trent. — Como Dexter não dizia nada, ela acrescentou: — Aquela que me chamou gorda na outra noite.

— E depois? Tu és gorda.

Ele não falava a sério. Era só para inglês ver.

² Basil Fawlty, personagem interpretada por John Cleese na série cómica britânica *Fawlty Towers*. (N. da T.)

Capítulo 10

As costeletas de borrego estavam a grelhar quando Maddy chegou a casa do trabalho. No forno, havia batatas em papelotes e no frigorífico uma tigela de salada. Sem Sophie em casa, a qual fora à festa, estava tudo sossegado, tirando o ruído do chuveiro no andar de cima.

Quando Jake apareceu, com uma toalha às riscas vermelhas e brancas enrolada à cintura, já Maddy pusera a chaleira a ferver e fizera duas canecas de chá.

— Obrigado. — Jake bebeu um gole, ficou perplexo e depois cuspiu para dentro da caneca. — Credo, o que é que puseste nisto?

— Tabasco. E sal. E mostarda — acrescentou Maddy serenamente, porque Jake detestava mostarda.

— Porquê? Oh, porra, que *nojo*, vai-me cair a língua. — Correu para o lavatório já com o ardor do tabasco a fazer-se sentir, pôs a boca debaixo da torneira e tentou lavar o gosto.

— Ótimo. Se não tiveres língua, não podes meter-te com mulheres como, por exemplo, deixa cá ver, a Kate Taylor-Trent.

— Não me estava a meter com ela. A mãe disse para ser simpático com ela. Educado, mais nada. — Ainda a cuspir e a bochechar vigorosamente, Jake estendeu a mão às cegas para o papel absorvente.

— Constou-me que foste mais do que educado. Ela é uma cabra melindrosa e tu não tens nada que te meter com ela, muito menos quando ela é tão mazinha comigo.

Jake endireitou-se e limpou a boca com papel absorvente.

— Olha, vocês já são adultas. Ela voltou, e num sítio tão pequeno, não podes simplesmente ignorá-la. É uma estupidez. Deita lá isso para trás das costas.

Ele não fazia ideia. Já ouvira as queixas dela antes, mas nunca fora alvo das observações maldosas de Kate.

— Ela e as amiguinhas gozavam comigo por causa de a Marcella ser negra, a Kate dizia coisas *pavorosas* sobre ela...

— E agora deve estar arrependida. Todos fazemos parvoíces quando

somos pequenos. — Jake engoliu e fez uma careta; depois acrescentou: — Olha só para ti, tens vinte e seis anos e ainda fazes parvoíces.

— Tu devias estar do meu lado. — Maddy viu-o encher a chaleira e pôr o saquinho de chá noutra caneca. — Se ela estivesse arrependida, teria pedido desculpa.

— Pronto, eu digo-lhe, não é? — Jake ergueu o sobrolho. — Serei o correio, vou dizer-lhe que, se ela souber pedir desculpa *muito* bem, que vocês voltam a ser amiguinhas.

Maddy lançou-lhe um olhar de pena.

— Não era só de mim, sabes. Ela também dizia coisas horrórasas de ti.

— Pois já não diz. — A divertir-se, Jake continuou: — Ela agora adora-me. Seja como for, quem é que te disse que falei com a Kate?

Maddy contou pelos dedos.

— A Nuala viu-te do *pub*. A Juliet viu-te. E a Theresa do supermercado.

— Ah, as suspeitas do costume. — Jake deitou água a ferver na caneca e rematou, com ar modesto: — Elas todas me adoram.

Quando Kerr McKinnon se mudara para Bath, cinco meses antes, arrendara um apartamento no coração da cidade, a poucos metros da Callaghan and Fox. Ia à antiga casa da mãe mais ou menos todas as semanas, para manter a propriedade debaixo de olho, não fosse arder ou ser invadida por um exército de sem-abrigo, mas nunca fizera os poucos quilómetros até Ashcombe.

Desta vez, por curiosidade, fez.

Pronto, era possível que isso tivesse algo a ver com Maddy Harvey, mas também achou ser boa ideia ver como se desenvolvera o local, se mudara muito ou pouco naqueles dez anos.

Com o Sol da tarde já baixo no céu, Kerr pôs os óculos escuros e desligou o rádio quando se aproximou dos limites da vila. A escola primária – onde ele andara – à direita. Abrandou e passou pela ponte arqueada que atravessava o Rio Ash. À sua frente, viu o monumento ao soldado desconhecido. À esquerda ficava a Main Street; à direita, Gypsy Lane. Virou à esquerda e abrandou ainda mais ao passar pelo *Anjo Cáido* e por um sortido de lojas – umas reconhecia, outras nem por isso. Lá estava a Peach Tree Delicatessen, onde Maddy trabalhava, duas lojas de antiguidades, o supermercado modesto... Subindo por Holly Hill, Kerr chegou à outra ponta da vila, onde tinha sido erigida uma urbanização. Virou e voltou a descer o monte, desta vez concentrado na fila de lojas de artesanato do lado esquerdo da rua principal. Lá estava o dístico dos Caixões Harvey, a oficina de Jake. E agora passava pela Snow Cottage, onde Maddy morava com Jake e a filha dele; era ridículo, mas custou-lhe parar de contemplar a casinha baixa de

pedra cor de mel, ao estilo dos Cotswolds. Sentia-se adolescente outra vez, a pensar se Maddy estaria em casa, mas não podia parar, não podia chamar a atenção. Continuou, virou para Gypsy Lane, a preparar-se mentalmente para o momento em que a estrada sinuosa virasse à esquerda e o levasse ao sítio onde acontecera o acidente.

Lá estava. E ele nem se apercebera de que até retivera o fôlego. Kerr exalou devagar e viu que as flores silvestres plantadas por Marcella Harvey ainda lá estavam, a assinalar o sítio onde a sua adorada enteada morrera. Os estranhos que visitavam Ashcombe poderiam inquirir daquela súbita nota de cor, numa estrada de resto incaracterística. Ele sabia que April estava sepultada no campo da igreja, e que a sua campa também teria muitas flores.

Continuou a subir a azinhaga e viu uma figura feminina mais à frente, a passear um cão. De costas voltadas para ele, com um fato de treino largo e cinzento e um boné na cabeça, era impossível descobrir a identidade da pessoa.

Claro que, se aquilo fosse um filme de Hollywood, o cão sairia do passeio de repente na direção da estrada, arrastando a dona atrás dele. Kerr, com atenção, travaria a tempo, mas o carro de assalto que chiava pelo monte abaixo a noventa quilómetros por hora não conseguiria parar nem desviar-se. Se ele não saltasse do seu próprio carro a uma velocidade sobre-humana e puxado a mulher – e o cão – para fora da estrada, morreriam logo ali. E – sendo ainda um filme – só quando a mulher se virasse para o encarar, a choramingar de gratidão por ele lhe ter salvado a vida, é que ele perceberia tratar-se de Marcella Harvey...

Era uma fantasia agradável. Kerr sorriu amargamente de si para consigo ao passar pela mulher que puxava um buldogue gordo que arquejava a tentar acompanhá-la. Por baixo do boné, não se conseguia ver a cara dela, apenas o bastante para saber que era branca e mais nova do que Marcella.

No cimo de Gypsy Lane ele tornou a fazer inversão de marcha. Outra vez na direção da vila e ao passar por Dauncey House, viu a rapariga e o cão a virarem para um acesso. Desta vez ela virou-se para olhar para ele e ele sentiu que a reconhecera. Um vislumbre de perfil não era grande coisa, mas teve quase a certeza de ser Kate Taylor-Trent.

Kerr pisou o acelerador e zarpou. Tinha de acordar cedo no dia seguinte, e reuniões atrás umas das outras em Londres. Eram horas de voltar a Bath.

Quando já não se via o carro, Kate virou-se e olhou para a azinhaga vazia e orlada por árvores. Seria mesmo Kerr McKinnon? Credo, a sério? Mas que fazia ele ali, em Ashcombe? Tanto quanto ela sabia, ele fora viver para Londres há anos e ficara por lá.

Por outro lado, se a mãe dele ainda morasse na mesma casa, ele teria de a visitar algumas vezes. Embora ninguém soubesse ao certo se Pauline McKinnon ainda era viva; segundo Estelle, ninguém lhe punha a vista em cima há anos.

Kerr McKinnon, ao volante de um Mercedes azul-escuro e com óculos escuros. Já passara algum tempo – pronto, uma década – desde a última vez que se tinham visto, mas Kate soube instintivamente que era ele. O coração dela ainda batia como um tambor dentro do peito. Sentia calor e frio ao mesmo tempo. E *Norris* estava aos pés dela, a lançar-lhe o tipo de olhar conhecedor do mundo que indicava saber exatamente o que se passava na cabeça dela.

Tinha quase a certeza de que Kerr não vira as cicatrizes. Tinha *esperança* de que ele não as tivesse visto – embora fosse uma coisa totalmente espúria. Se nunca mais visse Kerr McKinnon na vida, que importava? E se o visse, bem, mais cedo ou mais tarde havia hipótese de ele reparar na sua nova parecença com Quasimodo.

Oh, esquece lá isso. Se não fosse pelo acidente, ela teria ficado radiante por ver Kerr McKinnon, teria até acenado e feito sinal para ele parar. Outrora tivera um fraquinho por ele e, sem falsas modéstias, ele também estivera interessado nela. Quem sabe, se ele não tivesse voltado para a universidade no final daquele verão...

Fosse como fosse, era tarde de mais. O acidente dera-se, e encontrar inesperadamente velhos amigos já não era uma experiência animadora.

— Quem é o mais feio, *Norris*? Tu ou eu?

A fungar, *Norris* olhou para cima.

— Só que para ti é mais fácil. — Kate deu um jeitinho à trela. — Tu sempre foste assim.

Estelle recebeu-os à porta com um sorriso radioso na cara.

— Querida, belíssimas notícias! Adivinha quem acabou de ligar?

Kate não conseguiu evitar; por uma fração de segundo pensou em Kerr McKinnon. Ele reconheceria-a... com a timidez não parara... pegara no telemóvel e ligara para as informações, depois marcara o número deles... Se ela não tivesse passado os últimos dez minutos a olhar para a azinhaga vazia antes de voltar para casa, teria lá estado para atender a chamada...

— O papá!

— Ah. — Kate curvou-se, tirou a trela de *Norris*, e ficou a vê-lo gingar como o John Wayne até à cozinha em busca de comida. Enfim, era bem feito para não se deixar entusiasmar. Sinceramente, desde quando é que Kerr McKinnon era tímido?

— Ele vem para casa amanhã — tagarelava Estelle, a exagerar, como sempre — e fica uma semana inteira! Não é maravilhoso?

— Maravilhoso. — Kate obrigou-se a sorrir. Não era que não quisesse ver o pai, mas aquelas não eram as notícias mais estrondosas do mundo. À semelhança da maioria dos homens de negócios bem-sucedidos, ele era viciado em trabalho, passava a maior parte do tempo em Londres e a meter-se em aviões para os quatro cantos do mundo. Quando estava em casa, estava sempre ao telefone. Não era como se ela fosse de repente ter um paizinho para jogar Monopólio. Oliver Taylor-Trent preferia jogar Monopólio com dinheiro a sério e hotéis verdadeiros.

— Ele chega por volta do meio-dia, e lamenta não ter podido vir mais cedo, mas amanhã compensa-te. — De olhos brilhantes, Estelle disse à boca pequena: — Acho que te traz uma prenda.

Era como se tivesse sete anos outra vez. O pai não mudava.

— Queres dizer que ele mandou a secretária ir à Harvey Nichols comprar-me uma prenda. — Mas Kate não se podia zangar, estava demasiado habituada àquilo. Além disso, podiam ser sapatos. Sabe Deus, qualquer coisa que desviasse a atenção da cara dela valeria a pena.

Capítulo 11

Na manhã seguinte fazia ainda mais calor. Estando à espera que Oliver chegasse a casa à hora do almoço, Estelle fora a Bath às compras num grande supermercado. Não era dia de trabalho para Marcella. Vendo-se sozinha em casa – bem, tirando *Norris*, que não contava –, Kate pusera um biquíni cor-de-rosa e fora até à piscina. Depois de umas braçadas desinteressadas, deitara-se numa das espreguiçadeiras a apanhar sol. Nadar sozinha não tinha graça nenhuma.

Kate fechou os olhos e lembrou-se de um verão mágico há muito tempo, em que ela e Maddy Harvey haviam brincado juntas naquela mesma piscina. Eram como irmãs naquela altura. No ano seguinte tinham-na mandado para Ridgelow Hall e ela fizera novas amigas. Recordou-se da tarde escaldante e poeirenta quando ela e duas das novas melhores amigas tinham encontrado Maddy à porta da loja de doces. Que idade tinham todas? Onze, talvez doze? Kate dera uma cotovelada às companheiras e perguntara alegremente:

— Apetece-te dar umas braçadas?

Maddy, o rostinho magro todo animado, respondera:

— Oh, gostaria muito.

E ela fizera um sorriso escarninho – *escarninho* – e dissera:

— Então é melhor atirares-te ao rio. Adeus!

Na altura tivera graça. Ela e as amigas tinham rido à gargalhada perante o ar desapontado de Maddy. Agora, Kate até se encolhia por dentro só de se lembrar. Não havia volta a dar-lhe, ela fora uma cabra snobe, seduzida pela mentalidade «o meu paizinho é mais rico do que o teu» das colegas de escola. Uma vez, de visita à casa espetacular de uma delas e descobrindo que a piscina dela fazia duas da sua, Kate acabara logo com a amizade para não ter de retribuir o convite e recebê-la na Dauncey House. Durante semanas depois disso, atazanara o pai para comprar um helicóptero, pura e simplesmente para compensar a vergonha de não ter uma piscina olímpica.

Uma nuvem tapara o Sol. Kate enxotou uma mosca do ombro e abriu os olhos ligeiramente, mas teve de soltar um gritinho de surpresa, porque

não era nada uma nuvem; a sombra na cara dela vinha de um estranho que...

— Desculpe, desculpe, não a queria assustar! Caramba, o que há de pensar de mim? Achei mesmo que estava a dormir. Desculpe, a culpa é minha, eu toquei à campainha mas não houve resposta.

Kate olhou para ele. Se fosse um ladrão, era o ladrão mais amistoso que ela já vira.

— E você é quem?

— Chamo-me Will. — Ele sorriu, estendeu a mão e apertou a dela vigorosamente. Vendo que Kate continuava inexpressiva, ele disse:

— Will Gifford? E você deve ser a Kate. Gosto em conhecê-la, *muito* gosto em conhecê-la. Valha-me Deus. — Calou-se e abanou a cabeça com ar pesaroso. — Ele não lhe disse, pois não?

— Quem é que não me disse o quê?

— O seu pai. Credo, desculpe, parti do princípio de que ele tinha falado em mim.

E também era o ladrão mais obsequioso que ela já vira. Tirando ser relativamente óbvio não ser ladrão nenhum.

— Espere aí. Você tocou à campainha — disse Kate — e ninguém foi à porta. Portanto, partiu do princípio que não estava ninguém mas decidi conhecer o jardim à mesma?

— Oh, Deus, parece terrível dito dessa maneira. Quer dizer, não arrombei a porta da frente, dei só a volta à casa. Não sabia quanto tempo teria de esperar, está a ver? E o Oliver convidou-me mesmo. Tenho a mala no carro.

A mala?

— Quer dizer que vai cá *ficar*? Ouça, desculpe lá — ups, agora era ela a obsequiosa — mas quem é você *ao certo*?

Kate estava intrigadíssima; quem quer que fosse aquele Will Gifford, não parecia homem de negócios como o pai dela. Com trinta e picos, era alto e indescritivelmente desleixado, vestia calças pretas amarrotadas e uma camisa aos quadrados larga e por engomar. O cabelo castanho-escuro era um torvelinho, e usava oculinhos ao estilo Harry Potter. A impressão dominante era de uma criança grande e desajeitada, muito tímida e inteligente mas incapaz de manejar uma escova.

Quando Will Gifford abriu a boca para responder, Estelle apareceu, a correr pelo relvado fora e a chamar:

— Olá, estou de *voolta*.

Will Gifford virou-se e disse num tom encantador:

— Sr.^a Taylor-Trent.

Ofegante, Estelle disse:

— Ufa, que calor. Você deve ser o Will, encantada por conhecê-lo. E trate-me por Estelle. Chegou cedo!

— Tenho tendência a perder-me — confidenciou Will — pelo que saí de Londres às nove horas, para ter tempo suficiente caso me perdesse. Mas foi um milagre, pois acertei com o percurso à primeira. — Abanou a cabeça, claramente encantado com a sua proeza. — Nunca me tinha acontecido. Extraordinário.

As desconfianças de Kate aumentavam. O pai convidara aquele homem para ficar lá em casa com eles. A mãe estava à espera dele, mas nada dissera. Seria Will Gifford uma espécie de guru da autoajuda, contratado pelos pais para lhe ensinar que a aparência não era tudo?

No que lhe tocava a ele, isso era uma grande verdade. O homem parecia um cientista louco cruzado com um espantalho.

Oh, Deus, querem ver que ele é a minha prenda?

Alegremente, Estelle disse:

— Pronto, e se eu fosse fazer chá para nós?

Kate esperou que a mãe entrasse em casa para dizer:

— Ainda não sei o que está você aqui a fazer.

— Descanse, está a olhar para mim como se eu fosse dentista. — Will sorriu e deixou-se cair na relva a poucos metros dela.

— Tem alguma coisa a ver comigo?

— Não tem nada a ver consigo, não se irrite. Estou a fazer um documentário sobre o seu pai e ele teve a amabilidade de me convidar por uns dias. Embora a ideia do programa seja ver Oliver Taylor-Trent no trabalho e fora dele, claro que eu gostaria de a incluir no filme.

Um documentário. Uma coisa era certa, ela não estava à espera disso.

— Posso recusar?

— Claro que pode recusar.

— Ótimo. Nesse caso, recuso.

Com brandura, Will Gifford disse:

— É uma pena. Porquê?

— Francamente, não me diga que não reparou. — Kate fitou-o, na esperança de que ele se sentisse embaraçado.

— O seu rosto? O Oliver contou-me do seu acidente. Mas desculpe, não vejo qual é a relevância.

— Pronto, eu explico. Por que diabo *quereria* eu aparecer na televisão, para que ainda mais gente me veja as cicatrizes? Não lhe parece que já me custa bastante, só ter de andar na rua?

Com isto, Kate queria acabar com a conversa. Will Gifford estragou tudo, inclinando a cabeça para um lado e dizendo com ar descontraído:

— Com a maneira como eu me visto, tive de me habituar.

Se ela não estivesse deitada de costas, Kate teria batido o pé.

— Não é a mesma coisa, pois não? Por favor, não tente comparar as suas camisas horrorosas com a minha *cara*...

— Olá, olá, cá estamos nós! O papá chegou — cantarolou Estelle, a subir o carreiro com uma bandeja de chá na mão e Oliver Taylor-Trent atrás.

Apesar de tudo, Kate sentiu um nó na garganta. Estar de volta a Ashcombe tinha um efeito estranho nas hormonas dela; por segundos desejou pôr-se de pé e lançar-se nos braços do pai. Porém, e dado que não eram família para abraços, e que Oliver não gostaria nada de ficar com protetor solar no seu fato Hugo Boss, ela levantou-se e deu-lhe um beijo na face com o maior decoro. A seguir já ele estava a cumprimentar Will Gifford, enquanto Estelle se afadigava com a bandeja do chá e tentava abrir um pacote de bolachas com os dentes.

— Will, bem-vindo a Dauncey House. Não me parece que vamos tomar chá, pois não? Temos alguma coisa decente no frigorífico, querida? Devíamos fazer um brinde a um projeto interessante e mutuamente lucrativo... e Kate, talvez ficasses mais à vontade com roupa vestida?

Como sempre, Oliver tomara as rédeas da situação, reorganizando a família segundo os seus critérios. Estelle apressou-se a voltar a casa com o chá e as bolachas descartadas; Oliver pôs a mão no punho puído da camisa de Will e disse:

— Enquanto esperamos, vou mostrar-lhe a propriedade. Depois poderá ver o resto da casa, e mais tarde levo-o numa visita guiada à nossa terrinha.

Nossa terrinha, pensou Kate. Como se fosse dono dela.

— Fantástico. — Will piscou o olho a Kate e esfregou as mãos com um entusiasmo pueril. — Estou ansioso.

Kate ignorou ostensivamente a piscadela de olho. Mas que fedelho.

Depois das entregas feitas, Maddy estava de volta a Ashcombe. Era uma da tarde. Correu para dentro do *Anjo* e disse:

— Dexter, eu sei que, no fundo, por baixo dessa fachada horrenda e rabugenta, tu és um homem bom e amoroso.

— Não sou nada. — Dexter continuou a pendurar canecas de cerveja pelas asas.

— Vês? E modesto também. — Sem se abalar, Maddy continuou: — E agora preciso de um favor. Posso levar a Nuala só por dez minutos? — Era sexta-feira e o *pub* estava sossegado; Dexter podia muito bem atender os poucos clientes que já lá estavam. Para compor o ramalhete, ela pediu:

— Se faz favor?

— Vai sair-lhe do ordenado.

Evidentemente. Maddy brindou-o com um sorriso encantador.

— Eu própria te pago os trinta *pence*.

— Canudo, deves estar desesperada. — Ciente das intensas sessões de mexericos de Maddy e Nuala, Dexter ergueu o sobrolho. — Não estás grávida, pois não?

— Só preciso de falar com a Nuala. — Maddy suspirou por dentro. — E tu és o chefe dela, e por isso é que estou a ser simpática contigo.

— Pronto. O que queres beber?

Hurra! — Duas Coca-Colas, se faz favor.

— Vai lá então, leva-a lá para fora. — Dexter fez um gesto de pouco caso na direção de Nuala, que saía da arrecadação com um caixote de batatas fritas avinagradas.

— Dez minutos. E ela vai beber Diet Coke — acrescentou ele. — Já quase não há espaço para nós dois na mesma cama.

— Pátio das traseiras — disse Maddy para Nuala, depois de esta largar o caixote das batatas e de Dexter as ter servido. Quando pôs o troco na mão de Maddy, ele disse:

— O tempo começa a contar... *agora*.

— Aliás — disse Nuala alegremente, as duas já sentadas lá fora, — eu prefiro Diet Coke. Depois de nos habituarmos ao gosto, é...

— Não preferes nada — interrompeu Maddy, — só te convenceste a achar que preferes porque o Dexter não te deixa beber cola normal. — Grande parte das conversas delas eram assim, com Nuala a defender Dexter e Maddy a tentar fazê-la ver a verdade, em vão.

— Mas...

— Seja como for, chega de falar de ti, estamos aqui para falar de mim. Se não te contar, ainda rebento.

— E o Dexter depois obriga-me a limpar a porcaria. — Instantaneamente interessada, Nuala apoiou os cotovelos na mesa e disse ansiosa: — Vá lá, conta. Tem a ver com o tipo que conhecestes na festa da semana passada?

— Tem.

— Eu *sabia!* Ele é completamente lindo?

— É, mas...

— E tu gostas mesmo dele?

— *Gosto...*

— E ele gosta mesmo de ti? Que maravilha, quando é que isso aconteceu e porque é que não me contaste — *Ai!*

— Desculpa — Maddy suspirou, porque a única maneira de deter Nuala quando ela estava assim lançada era dar-lhe um forte beliscão no pulso. Porém, Maddy não quisera chegar ao osso.

— Faz doer!

— Eu sei, desculpa, desculpa, mas não temos tempo para jogar às vinte perguntas, e a questão é, não é nada uma maravilha, porque...

— Credo, ele é *casado*, mas que cab... — outra vez, não! — Nuala afastou o pulso mesmo a tempo. — Pronto, desculpa, eu calo-me. — Pausa. — Mas tenho razão, não tenho? Ele é *casado*.

— Não é. — A abanar a cabeça, Maddy explicou a saga toda dos McKinnons em quatro minutos certinhos. Dessa vez Nuala ouviu com atenção e não interrompeu uma única vez.

— Merda — disse ela quando Maddy terminou.

— Pois.

— Isso não é nada bom.

— Não me digas — anuiu Maddy, acabando com a cola e sentindo-se acabada também. O cérebro, pelo menos, era como se estivesse acabado, mas por baixo da mesa de ripas entrelaçadas, os seus joelhos impossivelmente excitados mexiam-se como se fossem dois Michael Flatleys.³ Tirou um envelope do bolso das calças, pô-lo em frente a Nuala e acrescentou:

— E agora, isto.

Nuala tirou a folhinha de papel de dentro do envelope amachucado e leu o curto bilhete. — Ele quer encontrar-se contigo amanhã! Ai que romântico! Quer dizer, eu tive direito a telefonemas e SMS, mas *nunca* ninguém me escreveu uma carta.

— Não é romântico quando ele o faz assim porque um telefonema seria um risco. — Abalada, Maddy passou os dedos por um cabelo já drasticamente esticado. — Ele hoje está em Londres. Deixou o envelope com a rececionista para ela mo dar.

— Mas não vês? É ainda mais romântico! «Tenho de te ver como deve ser». Nuala babava-se só de ler em voz alta. «Sábado à noite, às sete, no meu apartamento. Avisa-me se não puderes. Espero que possas. Kerr.» Oh, *belo* apartamento — acrescentou ela com ar aprovador, quando reparou na morada. — E que bela letra. Se não quiseres, posso ir eu?

— Eu quero, mais do que tudo. — Maddy viu uma joaninha aproximar-se da beira da mesa e depois abrir as asinhas e levantar voo como um jato vertical Harrier. — Mas como é que posso?

— Que dizes tu, como é que podes? Estás louca? — Guinchou Nuala. — *Tens* de ir!

— A Marcella matava-me.

— Se a Marcella não souber, não se apoquentá — retrucou Nuala. — E

³ Dançarino britânico autor e protagonista do espetáculo *Lord of the Dance*, entre outros. (N. da T.)

como é que ela vai descobrir? Os vizinhos do lado da minha mãe divorciaram-se no verão passado e descobriu-se que o marido andava com outra há quinze anos, e a mulher não fazia ideia!

Como se isso legitimasse tudo, pensou Maddy.

— Mas...

— Seja como for, já sabes que vais.

— O quê? — Maddy ficou perplexa a olhar para ela. — Como é que podes dizer isso?

— Vá lá. Porque é que havias de me mostrar a carta? Foi por isso que cá vieste, não foi? — Contento consigo mesma, Nuala continuou:

— Porque sabias que eu diria que tens de te encontrar com ele. Vá, tu conheces-me. Dificilmente te diria que não o podes ver mais, não é? Tu queres que te convença a ires ao apartamento dele amanhã à noite, para ser uma decisão minha e não tua. — Nuala esmagou uma formiga com o polegar e sorriu para Maddy:

— Além disso, a culpa será minha se alguma coisa correr mal.

Maddy estava muda.

— Vês? — Perguntou Nuala, toda feliz. — Não sou tão parva quanto pareço, pois não?

— Credo, nem sequer me *apercebi* do que estava a fazer. — Maddy gemeu, agarrou na carta e meteu-a outra vez no bolso. — Odeio que tenhas razão!

— Portanto, toma lá, tens autorização para te encontrares com ele. Leva qualquer coisa sexy.

— Só vamos *conversar*.

— Valha-me Deus, estás louca? Se ele for tão bom quanto tu dizes, e encontrares-te com ele for um risco, por que diabo haveriam de conversar? — Nuala ergueu as sobrancelhas, incrédula. — Quer dizer, se a Marcella se vai passar da mona de qualquer maneira – não é que ela vá descobrir, claro, mas *se* descobrisse –, mais vale que sejas presa por ter cão do que presa por não ter. — Pausa. Sobrolho franzido. — Sabes, não sei o que raio isto quer dizer. Porque é que alguém haveria de ser presa...

— Acabou-se o tempo — berrou Dexter como um sargento de instrução, na porta das traseiras do *pub*.

— Sinceramente, que mandão — resmungou Nuala, mas já estava de pé a recolher os copos vazios.

Maddy, a pensar por que raio pediria conselhos a alguém cuja ideia de namorado perfeito era Dexter Nevin, perguntou:

— Vocês ainda acabam por se casar, hum?

— Valha-me Deus, não. — Nuala abanou vigorosamente a cabeça. — Nem pensar.

Ao menos isso, graças aos santinhos.

— Já lhe perguntei — continuou Nuala, a soprar a franja que estava em cima dos olhos. — Ele recusou-se terminantemente.

— Mas estás armada em quê, aleijadinha? — Berrou Dexter. — Vá lá, despacha-te, mulher, há clientes a morrer de sede lá dentro!

Desejando ter levado a pistola das batatas de Sophie com ela, Maddy abanou a cabeça e perguntou:

— Não seria melhor ter um namorado que não te tratasse tão mal o tempo todo?

— O Dexter não me trata mal — disse Nuala afetuosamente. — É o feitio dele. É só na reinação.

Capítulo 12

Almoço? Parámos de servir às duas. — Dexter apontou para o relógio que estava na parede. — Já passam cinco minutos.

Oliver Taylor-Trent não se deixava levar por donos de *pubs* ditadores.

— Nem me diga — disse ele jovialmente. — A minha mulher deixou queimar o nosso. Estamos esfomeados. O meu convidado aqui está esfomeado. Contei-lhe da sua *bouillabaisse* milagrosa — ele é realizador de documentários, a propósito. Will, apresento-lhe Dexter Nevin. Dex, este é o Will Gifford.

— Canudo, devem estar mesmo mortos de fome. — Os olhos escuros de Dexter brilharam com humor sardónico.

— Mais do que possa imaginar. A cozinha não é o forte da minha mulher. Vamos beber uma garrafa de Laurent Perrier, já agora. Ah, acha que não se importa que o Will faça aqui umas filmagens no *pub*?

— Para a televisão? *Agora*? — Dexter parecia siderado.

— Não é agora. — Will abriu os braços para o acalmar. — Vê? Não trouxe câmara. Mas nos próximos dias. Estou a fazer um documentário sobre o Oliver — explicou ele. — E Ashcombe é um sítio tão bonito. Não queria deixar o *pub* fora da filmagem. E poderia ser publicidade para si — acrescentou com um sorriso charmoso — mas não se aflija, esteja à vontade para recusar se preferir.

— Duas *bouillabais*ses? — Perguntou Dexter, que não era nada parvo.

— Acho que vamos ver a ementa — respondeu Oliver, satisfeito.

— E somos três. A minha filha está à espera lá fora.

Ver e ser visto era a divisa de Oliver. Apesar de o *Anjo Caído* ter um restaurante perfeitamente bom e um jardim encantador nas traseiras, Oliver insistira em comer numa das mesas à frente da casa. Kate, algo constrangida à espera que o pai e Will Gifford saíssem, viu um dos conterrâneos passar e virar-se para a ver. Oliver convencera-a, quando ela sabia muito bem ser má ideia, a ir almoçar com eles, enquanto Estelle ficava a fumigar a cozinha e a raspar filetes de salmão cremados do tabuleiro que fora ao

forno e fora logo esquecido, até soar o alarme de fumo. Enfim, não se podia esconder para sempre. Com mais gente, e tal.

— É uma personagem, aquele homem — anunciou Will; sentou-se ao lado dela e passou-lhe uma ementa.

Kate olhou para a ementa, a rezar para que os transeuntes não achassem que eles eram um casal. Mais especificamente, rezava para que Jake Harvey, na oficina em frente, não pensasse assim.

— Quero o bife ao vinho do Porto. E um copo de tinto.

— O seu pai vem aí com mais uma garrafa de champanhe. Deve ser bom ser assim rico. — Will estava encantado. — Se lhe contasse, não acreditaria no trabalho que tenho para me darem um copo de champanhe — meter o nariz em festas de celebridades, ser levado por uma orelha até à rua quando percebem que não tenho convite, a humilhação de perceber que, na verdade, sou homem de amarguinhas — desculpe, mas o que se passa com o cão?

Norris fungava e resfolegava aos pés dela. Kate encolheu os ombros.

— Não sei. Ele é sempre assim, ofegante.

— Talvez tenha sede. Vou pedir uma tigela com água enquanto pedimos os pratos. — Will esticou as pernas compridas e continuou: — Volto já. A propósito, não sabe como se chama a empregada gira? A ruiva jeitosa, com covinhas?

Sinceramente, raios partam os homens! Não pensavam noutra coisa.

— Só voltei esta semana. Não faço ideia. — Era a mais pura verdade; ela e a empregada ainda não se tinham apresentado, apenas insultado.

— Está bem. — Will ergueu as mãos a fingir-se assustado e a desviar-se de um dardo envenenado. — Não faz mal nenhum, tive uma ideia brilhante.

Seria ele capaz de uma ideia brilhante?, pensou Kate e, aborrecida, perguntou:

— O que foi?

— Vou recorrer à minha experiência no campo do jornalismo de investigação. — Os olhos castanhos de Will brilhavam. — E vou perguntar-lhe.

O champanhe ajudou, havia que admitir e dar-se por agradecida. Não tardou a que Kate sentisse os joelhos mais descontraídos. Quando Will se apercebeu de que a tigela de água para o cão ainda não chegara, o pai disse-lhe bruscamente:

— Kate, vai lá saber — e ela deu consigo a pôr-se automaticamente de pé.

A transição abrupta do dia soalheiro para o interior escuro desorientou-a, ainda para mais de óculos escuros. Kate tirou-os e pestanejou, esperando que os olhos se adaptassem à penumbra, e viu a porta da cozinha abrir-se e ouviu uma voz dizer:

— Volto já, esqueci-me de uma coisa – *ohhh*.

A ruiva feitosa das covinhas, que trazia qualquer coisa nas mãos, viu Kate no *pub* e deteve-se por uma fração de segundo. Infelizmente, bastou uma fração de segundo para que as portas se fechassem outra vez, antes que ela tivesse hipótese de sair do caminho. A rapariga apercebeu-se tarde de mais do que ia acontecer e atirou-se para a frente, mas ficou entalada na mesma. Soltou um guincho de alarme quando a tigela lhe caiu das mãos e projetou uma bonita queda de água antes de se estilhaçar nas pedras do chão. Kate abriu a boca. A rapariga olhava aturdida para os cacos espalhados pelo chão, e para a própria camisa branca e saia azul encharcadas.

Um berro de fúria assustou-as às duas. Irrrompendo da cozinha como um urso enraivecido, o dono do bar vociferou:

— Maldita idiota, não sabes fazer *nada* como deve ser? Uma tigela de água é difícil para ti?

— Desculpa, as portas fecharam-se sobre mim. — Corada, a rapariga ajoelhou-se e começou freneticamente a apanhar os cacos, fazendo uma careta quando uma lasca de barro lhe raspou o joelho.

— Talvez por serem portas de vaivém — zombou o dono do bar. — Mas tu só cá estás há dois anos, não é, como é que havias de saber isso? Oh, pelas alminhas, para de empatar e limpa isso. Vai buscar pá e vassoura, se souberes o que é, e tenta não deixar sangue pelo chão fora... Sim, diga, posso ajudar? — A rapariga foi-se dali e o dono do bar virou-se para Kate. — Desculpe lá o massacre – já não se arranja pessoal decente.

— Foi um acidente — disse Kate.

Ele fungou, escarninho. — *Ela* é que é um acidente.

— Não admira que não arranje pessoal — irritou-se Kate — se é assim que trata as pessoas. É preciso ser tão bruto?

O dono do bar fez um sorriso nada amistoso.

— É, para me divertir. E você, tem desculpa?

Kate mirou-o com desdém e retrucou:

— Pelo menos não berro com as pessoas.

— Ai não? Mas não é nenhuma Julie Andrews, pois não? — Ele agora sorria descaradamente. — Quer dizer, corrija-me se eu estiver enganado, mas não foi você quem insultou a Nuala na outra noite? Chamou-lhe vaca gorda e fê-la debulhar-se em lágrimas?

— Eu não lhe chamei vaca gorda. — Kate já lamentava seriamente ter entrado ali, mas nem por sombras iria recuar.

— Não?

— Não. Só lhe chamei... gorda. — Felizmente que a empregada – Nuala – ainda andava à procura da pá e da vassoura.

— E fê-la chorar.

Oh, Deus, não fizera, pois não?

Nesse momento as portas da cozinha abriram-se outra vez. Nuala apreciou a cena – Kate e o dono do bar a enfrentarem-se de cada lado do balcão – e disse:

— É mentira. — Virou-se para Kate e acrescentou: — Não lhe ligue, ele diz qualquer coisa para ganhar a discussão.

— Estiveste a escutar à porta? Ai que classe — ironizou o dono do bar; Nuala baixou-se e começou a apanhar os cacos do chão.

E que vergonha, pensou Kate. Perplexa, dirigiu-se a Nuala e perguntou:

— Porque é que deixas que ele te trate desta maneira? Quer dizer, o que fazes aqui, a trabalhar para quem te trata tão mal?

Nuala varreu apressadamente as últimas lascas para dentro da pá e murmurou qualquer coisa ininteligível.

— Ah, mas ela faz mais do que trabalhar para mim — declarou o dono do bar, ufano. — É minha namorada. Vivemos juntos. Não sabia? — Ele ergueu as sobrancelhas escuras, a fingir-se admirado. — Somos uns pinga-amores.

— Demorou séculos. Íamos começar as buscas. — Will Gifford dava palmadinhas no banco a seu lado.

— O que foi aquele barulho todo lá dentro? É essa a sua maneira de se voltar a dar com a população?

Pronto, estava ali armado em Hugh Grant e achava que tinha graça, pensou Kate.

— Estou ótima. O dono do bar é um grosseirão, mais nada.

Will riu-se e disse:

— Valha-me Deus, não me diga que era você?

Kate deitou o resto do champanhe quente num barril a transbordar de gerânios e estendeu o copo para que ele lho enchesse com o que estava no balde do gelo.

— A sua filha não poupa ninguém — disse Will para Oliver, e Kate lançou-lhe um olhar cheio de significados.

— A Kate é assim — Oliver assentiu, orgulhoso. — Sempre soube o que queria.

Nuala apareceu, com uma tigela nova para *Norris*. Quando a pôs no chão ao lado da mesa, olhou constrangida para Kate.

— Ouve, obrigada por me defenderes lá dentro. Ouvi o que disseste ao Dexter. — Apesar de sentir que devia estar grata, era evidente que não se sentia à vontade.

Kate encolheu os ombros.

— Falei a sério. Ele é um grosseirão.

— Não é, não. É só da boca para fora — insistiu Nuala.

Como?

— Está bem. — Kate pegou no copo. — Se achas assim, boa sorte nisso. Vais precisar.

— Sinceramente — queixou-se Will, — não é justo, perdi a brincadeira toda. — De olhos brilhantes, olhou para Nuala. — E agora, ela fica proibida de entrar no *pub*?

— *Proibida?* — Era Dexter, com os almoços. — Só pode estar a reinar. Ela teve lata para me fazer frente, não teve? Sempre respeitei uma rapariga atrevida. — Com destreza, Dexter pôs os pratos, endireitou os talheres e encheu outra vez os copos deles com o resto da Laurent Perrier.

— Além disso — continuou, fazendo um aceno de cabeça para Oliver, — nenhum dono de *pub* que se preze proíbe a entrada à filha de um homem que gasta duzentas brasas num almoço.

— Seja como for — murmurou Nuala depois de Dexter lhes abrir os guardanapos com um floreado e desaparecer no *pub*, — eu só queria... pedir desculpa pela outra noite, embora eu não tenha dito o que tu achas que eu disse.

— Está bem — disse Kate rigidamente, ciente de que Will estava mortinho de curiosidade a seu lado. — Vamos esquecer isso, sim? De futuro, tu não gozas com a minha cara e eu não gozo com a tua banha.

— Já está. — Will Gifford deu-lhe uma cotovelada de consolo quando Nuala saiu da mesa. — Parece-me que está a instalar-se numa boa.

Capítulo 13

Certo — anunciou Oliver com um floreado do seu American Express de platina — e se passássemos à visita guiada?

Norris, acordado pelo pé de Kate, reparou num *terrier* pequenino cor de areia ali perto e levantou-se, a fungar muito interessado.

— Não — avisou Kate, mas Norris não lhe ligou. Como que acabado de se formar num curso de assertividade, atravessou a correr a estrada poeirenta, arrastando-a no seu encalço. A cadela *terrier*, que também o mirava, desatou a latir muito alto e foi cumprimentá-lo como uma fã encantada.

Tinha de ser a famosa *Bean*, percebeu Kate quando Jake Harvey saiu da sua oficina e assobiou para chamar a atenção da cadelinha. *Bean* olhou para trás, mas ignorou-o de imediato, muito mais interessada em descobrir como era um buldogue grande e corpulento visto de perto.

E a que cheirava um buldogue de perto, descobriu Kate, quando os dois bichos se começaram a inspecionar, a cheirar os rabos um do outro daquela maneira que os cães adoravam, destinada a embarçar os donos. Envergonhadíssima, Kate puxou pela trela de Norris e rezou para que eles não tentassem outras ginásticas.

A rir-se, Jake aproximou-se dela.

— *Bean*, tu és menor. Aliás, ele esborrachava-te toda. O almoço foi bom? — Fez um sorriso de orelha a orelha para Kate.

— Muito bom. — Aliás, fora excelente. — Mas não gosto do dono do *pub*.

— O Dexter? Ah, não há ninguém como ele. Ou por outra, temos quase a certeza de que ele é filho ilegítimo do Simon Cowell e da Rosa Klebb. Vi-te a falar com a Nuala — continuou ele inocentemente.

— Aquela rapariga não devia deixar que ele a trate daquela maneira. Ela é o quê, capacho dele?

— A Nuala? Ela prefere ter companhia a estar sozinha. Seja como for, e tu? — Apontou com a cabeça para Will Gifford, que estava a tentar vestir o blusão puído. — Quem é o homem mistério? Teu namorado?

Oh, Deus, seria essa a ilação que toda a gente ia tirar? Agora que ela era feia, pensariam automaticamente que alguém como Will seria a sua melhor hipótese?

— Com franqueza — Kate estremeceu, — não estou assim tão desesperada. — Aliás, se alguém se parecia fisicamente com um capacho velho e gasto, esse alguém seria o desleixado e descabelado do Will; caso se precisasse de limpar os pés, ele seria perfeito.

— Hoje parece mais contente — observou Jake.

Parecia? A sério? Bem, talvez não se sentisse tão suicida. Por outro lado, poderia ser por se imaginar a espezinhar Will Gifford com botas de salto agulha.

— O teu coração está a bater muito — observou Kate — ou alguém quer falar contigo.

O bolso da camisa de algodão branco de Jake vibrava como um colibri.

— Estava a gostar do zumbido. — Com uma piscadela de olho, Jake tirou o telemóvel do bolso e atendeu. Para grande alívio de Kate, *Norris* e *Bean* tinham parado de inspecionar os rabos um do outro, claramente decididos a manter a sua relação platónica. *Norris* estava deitado de lado no chão poeirento, e *Bean* tentava amorosamente subir para cima dele.

— Olá para ti — murmurou Jake, a sorrir e a passar os dedos bronzeados pelo cabelo louro. — Eu sei, eu também. — Calou-se para escutar, e depois riu-se. — Ora aí está uma proposta irrecusável. Não, estou mesmo livre esta noite. — Outra pausa, mais um sorriso. — És mesmo, mesmo marota. Está bem, às oito, agora tenho de me despachar. Até logo.

Kate nunca se sentira tão grata por ter óculos escuros. Mas será que todas as conversas com Jake Harvey estavam destinadas a animá-la, e depois a trazê-la de volta à terra com um baque?

— Desculpa lá. Era a diretora da escola da Sophie — disse Jake.

— *A sério?* Ah. — Tarde de mais, percebeu que ele estava a brincar.

Divertido, Jake disse:

— Ainda não viste a diretora da Sophie. Anne Robinson montada numa vassoura.

— Bem, é melhor ir andando também. — Kate deu mais um puxão à trela de *Norris*, antes que Jake lhe começasse a contar da rapariga espampante com quem se ia encontrar nessa noite. Do outro lado da rua, viu que Oliver já pagara o almoço; se ele e Will fossem ali ter com ela, o mais certo era Will dizer qualquer coisa pavorosa.

— Então quem é ele? — Cheio de curiosidade, Jake apontou com a cabeça para Will.

— Faz documentários. Está a fazer um sobre o meu pai. Vai andar a filmar aqui também — respondeu Kate.

— A filmar? — Jake assobiou baixinho. — Quem tiver algo a esconder terá de ter muito cuidado, então.

— Incluindo tu? — Kate não resistiu à farpa.

— Eu não. — Ele brindou-a com um sorriso malandro. — Felizmente, não tenho segredos.

— Quem é? — Perguntou Will.

Sinceramente, e as mulheres é que são bisbilhoteiras.

— Faz os caixões cá na vila. Acha-se o máximo. Vou levar o *Norris* para casa — respondeu Kate, porque *Norris* lançava olhares embevecidos por cima do seu ombro rechonchudo na direção de *Bean*, e ela não queria que ele a arrastasse outra vez para o outro lado da estrada.

— Não demoramos — disse Oliver. — Damos uma voltinha à vila e depois vamos para casa.

Sophie e Tiff estavam a brincar com uma caixa de papelão no passeio à porta da Peach Tree.

— Fico nostálgico — disse Oliver jovialmente quando ele e Will se aproximaram da mercearia.

— Brincar com caixas de papelão por não termos brinquedos como deve ser. — Ele gostava de exagerar nas circunstâncias da sua infância, jogar com o aspeto da pobreza. — Olá, então, estão a divertir-se? Esta é a Sophie, a propósito, a neta da nossa governanta. E o Tiff é filho da Juliet, a dona da mercearia.

— Olá — disse Will, a mirar a caixa com a ranhura tipo marco do correio. — Estão a brincar aos carteiros?

Sophie lançou-lhe um olhar de pena.

— É uma portagem.

— Custa cinquenta *pence* entrar na loja — disse Tiff.

— Não custa *nada* — chamou uma voz feminina e exasperada de dentro da mercearia. — Tiff, deixa entrar.

Tiff e Sophie olharam para Oliver.

— Oportunismo descarado — ralhou Oliver, mas sacou uma mão cheia de moedas do bolso das calças e deitou-as na caixa. Sophie e Tiff trocaram olhares presumidos — Oliver Taylor-Trent caía sempre. Depois os olhos deles viraram-se em unísono para o seu companheiro mais novo e mais desmazelado.

— Não olhem para mim — protestou Will. — Eu sou como a Rainha, nunca tenho trocos.

— Crianças terríveis — suspirou Juliet, aparecendo à porta e fazendo sinal aos seus potenciais clientes. — Não lhes deviam dar dinheiro nenhum.

— Disparate — disse Oliver, bem-disposto. — Um casalinho de jovens empreendedores. Fazem-me lembrar de quando eu era novo.

— São um casalinho de salteadores, isso sim. — Juliet sorriu como quem pede desculpa a Will. — O que vai pensar de nós?

Não era preciso saber ler pensamentos para adivinhar os de Will. Juliet tinha vestida uma blusa de algodão branca de estilo indiano e uma saia rodada até ao tornozelo cheia de papoilas. O cabelo preto estava amarrado numa trança solta e luzidia. Os olhos, ainda mais escuros, brilhavam de boa disposição. Oliver, ao ver a reação de Will, ficou a pensar se seriam os olhos ou as curvas de Juliet que mais o atraíam.

— Como vai o negócio? — Perguntou Oliver.

— Oh, vai bem. Vamos andando. — Viam-se covinhas nas faces de Juliet. — Tenho a certeza de que vai melhorar agora que o senhor voltou.

— É engraçado falar nisso. A Estelle esqueceu-se de comprar presunto de Parma esta manhã.

— Fregueses com gostos caros e mais dinheiro do que juízo — disse Juliet alegremente para Will a caminho do armário refrigerado — são os meus preferidos. Três pacotes ou quatro?

Oliver ponderou naquilo. — É melhor serem seis.

— Gravlax?

— Vamos a isso.

— E as azeitonas de que tanto gosta?

— Acabou de me obrigar.

— E temos um caviar *sevruga* espantoso.

— Agora já está a abusar — disse Oliver.

— Ora, valeu a pena. — Juliet riu-se a registar as compras, e embalou tudo rapidamente num saco de papel castanho da Peach Tree com pegas feitas de cordel.

— Muito obrigada, ponho na sua conta. E ficamos à espera da sua próxima visita.

— Adeus, Sr. Taylor-Trent — disseram Tiff e Sophie quando eles saíram da loja.

— Adeus — disse Oliver, — não gastem tudo de uma vez.

— Não foi assim *tanto* dinheiro — disse Sophie. — Somente três libras e vinte *pence*.

— Ena — fez Will, quando as crianças já não os podiam ouvir. — Quer dizer... *ena*.

— Ela tem esse efeito nos homens — anuiu Oliver. — Digo-lhe, se tivesse menos vinte anos, eu próprio me sentiria tentado.

— Não é só ela. É... este sítio. — Will Gifford abriu os braços para

abarcou Ashcombe, ouvindo-se um botão saltar e fugir-lhe da camisa. — Quer dizer, alguma das pessoas que cá mora é *normal*?

— É engraçado falar nisso. — Oliver orientou-o para subirem a rua rumo ao supermercado. — Prepare-se, vai conhecer a Theresa Birch.

Sabe-se que o nosso subconsciente está a tramar alguma quando se vai a Bath comprar ténis novos e um frasco de líquido para lentes de contacto, e se volta a casa três horas depois com um conjuntinho de sutiã e cuequinha de seda e veludo verde-lima.

Mas que rameira.

Pior ainda era ouvir a porta da frente a abrir e enfiar o saquinho da lingerie debaixo do sofá.

— Olá, querida. — Marcella entrou de rompante. — Compraste coisas bonitas?

Maddy fez uma careta. — Não encontrei ténis ao meu gosto.

— Oh, que pena. Então não compraste nada?

— Não, andei só a ver. — Além de rameira, ela era uma rameira *al-drabona*. A pensar se quem contrabandeava drogas duras na alfândega se sentiria assim, Maddy correu para a cozinha e pôs a chaleira ao lume. Imaginou a lingerie escondida a latejar e a aumentar como *kryptonite* e a revelar a sua presença a Marcella.

— Bolachas de chocolate?

— Não, obrigada, mas uma cenoura crua já ia. — Marcella sorriu. — Que pergunta tola. Claro que quero bolachas de chocolate – ah, aí vem a malta. — Fugiu para o lado quando a porta se escancarou outra vez. Jake, Sophie e *Bean* passaram o corredor e irromperam na cozinha. Sophie, coberta de nódoas de relva e pó, vinha agarrada a uma bola de futebol e parecia triunfante.

— Ela é mortífera — queixou-se Jake. — Quase me partiu uma perna. Ela é o Vinnie Jones de saias.

— Ele perdeu — disse Sophie com ar casual. — E eu não uso saias. Seja como for, nunca ouvi falar de Vinnie Jones. Quem é ela?

— Isso recorda-me — atalhou Marcella, — eu e o Vince vamos fazer um churrasco esta noite, se vos apetecer lá dar um salto.

— Ótimo — disse Jake.

— Eu não posso. — Maddy recorreu à desculpa que tivera a presença de espírito de ensaiar. — Vou encontrar-me com a Jen e a Susie em Bath. — Fez o ar de quem lamentava a sua ausência. — Vai ser uma noite só de mulheres.

— Ora, não faz mal. Dá-lhes beijinhos meus — disse Marcella com simpatia, o que só fez Maddy sentir-se pior.

— E se chegares a casa antes da meia-noite, dá lá um salto, a festa ainda há de estar rija – oh, querida, o que tens aqui? É uma prenda para mim? — Marcella baixou-se e pegou no saco preto que *Bean* arrastava para a cozinha, e Maddy sentiu-se começar a transpirar. Num momento de pânico, pensou se conseguiria safar-se dizendo que era uma prenda para Marcella, mas ela não fazia anos, o sutiã não era do tamanho dela, e a mãe não era nada parva. Em suma, não ia conseguir safar-se em absoluto.

— Ora, ora, isto é especial. — Marcella tirou do saco o sutiã e as cuequinhas orladas a veludo, e os seus olhos escuros dançaram de malícia. — Foste às compras para uma amiga, querido?

— Não olhes para mim. — Jake levantou as mãos em busca de absolvição.

— Maddy? Não tinhas dito que não encontraste nada a teu gosto?

— Eu... mudei de ideias — Maddy gaguejou, ciente de que Jake a observava. — Quer dizer, gostei disso, e comprei, mas vou devolver. É muito... hum, caro — acrescentou apressadamente quando Marcella olhou para a etiqueta e assobiou baixinho.

— Foi num momento de loucura, não sei porque é que o fiz. Quer dizer, tu conheces-me, sou mais a rapariga dos separáveis da Marks and Spencer.

Maddy sabia que estava a divagar, mas aquela parte da aldrabice até era verdade. Ela conseguia ficar excitadíssima a abrir uma embalagem de separáveis novos da M&S.

— Não sabes porque o fizeste? Gastar sessenta libras *nisto*? Bom, deixa-me adivinhar. *Então* — Marcella deu-lhe uma cotoveladazinha sabedora e nada subtil, — quem é ele?

Agora é que Maddy não se atrevia a olhar para Jake. Não sabia para onde olhar.

— Ninguém. A sério. Vi e gostei da cor.

— Vês aquilo? — Marcella apontou para a janela da cozinha. — Gambozinos. Querida, deves estar de olho em alguém – ei, já sei, porque não o convidas para o churrasco? Podes trazer a Jen e a Susie, já não será tão óbvio, diz-lhe só que é um encontro de amigos. Não é uma ideia fabulosa? Assim podemos conhecê-lo todos e ver o que achamos!

Aquilo que Marcella acharia era insuportável só de pensar. Maddy meteu o sutiã e as cuecas dentro do saco preto e disse:

— Mãe, juro, não é ninguém. Isto vai direto para a loja, vou encontrar-me com a Jen e a Susie no Browns às sete e, se não se importam, queria tomar banho antes de ir.

— Ela acha que eu nasci ontem — disse Marcella alegremente quando

Maddy se esgueirou da cozinha apinhada — mas esquece-se de duas coisas muito importantes.

Sempre inquiridora, Sophie perguntou com ar de caso:

— Quais coisas importantes?

— Eu sou mãe dela — disse Marcella a Sophie, falando mais alto para que Maddy ainda a ouvisse pela escada acima — e tenho *sempre razão*.